AUTA DE SOUZA

# Horto

PARIS 1911

Ao Joaquim Eulalio, em
nome de Henrique Castriciano,
offerece o livro de Auta de Sou

Rio, 11 de Abril - 1911

José Vie

# HORTO

AUTA DE SOUZA

# HORTO

2ª EDIÇÃO

Illustrações de D. O. WIDHOPFF

AILLAUD, ALVES & Cia
PARIS
96, BOULEVARD MONTPARNASSE

FRANCISCO ALVES & Cia
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166

LISBOA. — 242, RUA AUREA, 1º

BELLO HORIZONTE
1055, RUA DA BAHIA, 1055

SÃO PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65

1910

*Deus que nos lançou uns nos braços de outros, não ha de separar-nos para sempre...*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*Ver-nos-hemos em uma outra vida, onde os que soffreram nesta serão compensados; onde o que muito amou na terra tornará a encontrar as almas amadas n'um outro mundo sem lagrimas e sem morte.*

Edmundo de Amicis — *Coração.*

Os tumulos dos teus dão-te regaços!
Ama-te a sombra do salgueiro afflicto...
Vae, pois, meu livro! e como o corvo agreste
Traz-me, no bico, um ramo de cypreste!

Castro Alves.

*A' memoria de meu pae, de minha mãe e de meu irmão.*

*Ás boas irmãs do Collegio da Estancia, em Pernambuco, almas formosas e santas que me educaram o coração e o espirito, offereço o que ha de mais puro nestes singelos versos.*

AUTA.

*A meus irmãos*

# PREFACIO DA 1ª EDIÇAO

*Encontrar entre os livros de versos (tantos Santo Deus!) que por ahi se publicam, um livro como este, de uma tão simples e ingenua sinceridade, é coisa que sorprende e encanta. Não ha nas estrophes do* Horto *o labor pertinaz de um artista, transformando as suas ideas, as suas torturas, as suas esperanças, os seus desenganos em pequeninas joias: certo, a poetisa Auta de Souza não poderia dizer como o* Orfèvre *de Heredia :*

« Mieux qu'aucun maître inscrit au livre de maîtrise,
Qu'il ait nom Ruiz, Arphée, Ximenez Bécerril,
J'ai serti le rubis, la perle et le béryl,
Tordu l'anse d'un vase, et martelé sa frise... »

*Aqui a alma vibra em liberdade, sem a preoccupação dos affeites da Forma, livre da complicada teia do artificio. Ingenuamente, commovida e meiga, essa alma de mulher vae traduzindo em versos os mundos de sensações, agora ardentes, agora tristes, que o espectaculo da vida lhe vae suggerindo. A's vezes, é um aspecto da Natureza :*

« Findava o mez de maio envolto em preces
O docè mez das Orações formosas...
Iam com elle as encantadas mésses
Dos perfumes, dos sonhos e das rosas... »

*Outras vezes é uma recordação da infancia :*

« Um dia (eu era menina)
Trouxeram-me um passarinho :
Era uma ave pequenina,
Roubada ao calor do ninho... »

*Mais adiante um encontro fortuito, que desperta um pensamento adormecido:*

Ella passou por mim toda de preto,
Pela mão conduzindo uma creança...
E eu cuidei ver alli uma esperança
E uma saudade em pallido dueto.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Tambem na vida o goso e a desventura
Caminham sempre unidos, de maõs dadas,
E o berço ás vezes leva á sepultura... »

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*Depois um desfallecimento moral, uma hora de duvida, em que a alma pergunta :*

« Onde fica, Senhor, a terra a que nos levas,
Com as mãos postas no seio, e os dois olhos sem luz ! »

*Mas a nota mais encantadora do livro é a do mysticismo que dá a algumas das suas poesias o amplo e solemne recolhimento de uma nave de templo, resoante da grave harmonia dos orgãos, com balbucios de preces entre suaves espiraes de incenso.*

*Vejam-se as quadras* De joelhos :

« Ajoelha, ó minh'alma, abraçando o madeiro,
Em que morreu Jesus, o teu celeste amigo!
A seus pés acharás o pouso derradeiro,
O derradeiro amparo, o derradeiro abrigo!

Ajoelha e soluça, implorando a alegria
Que a saudade sem fim do coração te arranca.
E a graça de viver como a Virgem Maria,
Eternamente pura, eternamente branca... »

*E, mais adeante, em* Regina cœli :

« Teu nome santo, o' Maria!
Tem a doçura innocente
De uma caricia macia,
De uma chimera dolente...

Do céo teu nome nos desce,
N'uma harmonia divina,
Como um cicio de prece
Nos labios de uma menina... »

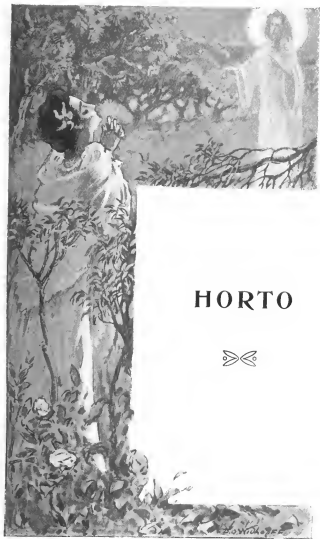
*E, ainda :*

Amado Senhor,
Meu doce Jesus,
Que morres de amor,
Suspenso da Cruz!
. . . . . . . . . . . .

Tu és meu, amigo
Meu sol, minha luz!
Reparte commigo
O peso da cruz! »

*Mas... não convém privar o leitor das sorprezas que encontrará, de pagina em pagina, neste formoso volume, que vem revelar uma poetisa de raro merecimento.* **Horto** *será, para os que amam a linguagem divina do verso, um desses raros livros que se leem e releem com um encanto crescente.*

OLAVO BILAC.

Rio. Outubro 99.

# HORTO

*..... E tomando comsigo Pedro e mais dois de seus discipulos, Jesus começou a ficar cheio de tristeza e mergulhado na dor. Então disse-lhes : Minh'alma é triste até a morte : ficai aqui e velai commigo.....*

*(Do Evangelho da Paixão.)*

## HORTO

✣ ✣

« Oro de joelhos, Senhor, na terra
Purificada pelo teu pranto...
Minh'alma triste que a dor aterra
Beija os teus passos, Cordeiro santo!

Eu tenho medo de tanto horror...
Reza commigo, doce Senhor!

Que noite negra, cheia de sombras,
Não foi a noite que *aqui* passaste?
O' noite immensa... porque me assombras,
Tu que nas trevas me sepultaste?

Jesus amado, reza commigo...
Afasta a noite, divino amigo! »

Eu disse... e as sombras se dissiparam
Jesus descia sobre o meu Horto...
Estrellas lindas no Céo brilharam,
Voltou-me o riso, já quasi morto.

E a sua bocca falou tão doce,
Como si a corda de um'harpa fosse :

« Filha adorada que o teu gemido
Ergueste n'aza de uma oração,
Na treva escura sempre envolvido
Porque soluça teu coração?

Levanta os olhos para o meu rosto
Que á vista d'elle foge o Desgosto.

Não tenhas medo do soffrimento,
Elle é a escada do Paraiso...
Contempla os astros do Firmamento,
Doces reflexos de meu sorriso.

Não pensa em dores nem canta maguas,
A garça nivea fitando as aguas.

Sigo-te os passos por toda parte,
Vivo comtigo como um irmão,
Acaso posso desamparar-te
Quando me trazes no coração?

Nas oliveiras do mesmo Horto,
Emquanto orares, terás confôrto.

Olha as estrellas... no Céo escuro
Parecem sonhos amortalhados...

Assim, nas trevas do mundo impuro,
Brilham as almas dos desolados.

Mesmo das noites a mais sombria
Sempre conduz-nos á luz do dia. »

Ergui os olhos para o Céo lindo :
Vi-o boiando n'um mar de luz...
E, então, minh'alma, n'um goso infindo,
Chorando e rindo, disse a Jesus :

« Guia o meu passo, nos bons caminhos,
Na longa estrada cheia de espinhos.

Dá-me nas noites, negras de dores,
Uma Cruz santa para adorar,
E em dias claros, cheios de flores,
Uma creança para beijar.

Junta os meus sonhos, no Azul dispersos,
Desce os teus olhos sobre os meus versos...

E vós, amigos tão carinhosos,
Irmãos queridos que me adorais,
E nos espinhos tão dolorosos,
De minha estrada tambem pisais...

Velai commigo, longe da luz,
Que já levantam a minha Cruz.

A hora triste já vem chegando
De nossa longa separação...
Que lança aguda vai traspassando,
De lado a lado meu coração!

Não adormeçam, meus bem amados,
Já vejo os cravos ensanguentados.

Longe, bem longe, naquelle monte,
Não brilha um astro de luz divina?
E' o diadema de minha fronte,
E' a esperança que me illumina!

A Cruz bemdita, que aterra o vicio,
Fogueira ardente do sacrificio.

Adeus, da vida sagrados laços...
Adeus, ó lirios de meu sacrario!
A Cruz, no monte, mostra-me os braços...
Eu vou subindo para o Calvario.

Ficai no valle, pobres irmãos,
Da vóvósinha beijando as mãos.

E si ella, inquieta, com a voz tremente,
Ouvindo as aves pela manhã,
Interrogar-vos anciosamente :
« Que é do sorriso de vossa irmã?

Dizei, alegres : « Foi passeiar...
Foi colher flores para o Altar. »

E, quando a tarde vier deixando
Nos labios todos saudosos ais,
E a pobre santa falar chorando :
« A minha neta não volta mais? »

Dizei sem prantos : « A tarde é linda...
Anda nos campos, brincando ainda. »

Livrai su'alma do frio açoite
Das ventanias que traz o Inverno...
Cerrai-lhe os olhos, na grande noite,
Na noite immensa do somno eterno.

Anjo da guarda, de rosto ameno,
Mostra-me o trilho do Nazareno...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E... adeus, ó lirios do meu sacrario,
Que eu vou subindo para o Calvario!

# A MINHA AVÓ

❧ ❧

Minh'alma vai cantar, alma sagrada!
Raio de sol dos meus primeiros dias...
Gotta de luz nas regiões sombrias
De minha vida triste e amargurada.

Minh'alma vai cantar, velhinha amada!
Rio onde correm minhas alegrias...
Anjo bemdito que me refugias
Nas tuas azas contra a sina irada!

Minh'alma vai cantar... Transforma o seio
N'um cofre santo de caricias cheio,
Para este livro todo o meu thesoiro... —

Eu quero vel-o, em desejada calma,
No rico santuario de tu'alma...
— Hostia guardada n'um ciborio de oiro! —

## CANTIGA

Meu sonho dourado e leve,
Que buscas tu a voar?
Um ninho branco de neve
Onde me deixem cantar.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E em busca das nuvens bellas
Lá vai meu sonho a cantar...
Meu sonho côr das estrellas,
Meu sonho côr do luar.

Pergunto ao sonho, chorando,
Porque foges a cantar?
E elle responde, cantando:
Porque não quero chorar.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E em busca das nuvens bellas
Foi-se meu sonho a cantar...
Meu sonho côr das estrellas,
Meu sonho côr do luar.

## TEUS ANNOS

*A Eugenia B. de Albuquerque Mello*

Teus annos amanhã. Fui ver contente,
(E como procurei por toda parte!)
Um mimo que te desse... e achei somente,
Meu triste coração, mimo sem arte.

Mas... o que dirás tu quando, de leve,
Bem cedinho batendo á tua porta
Vires meu coração frio, de neve,
Pobre flor sem perfume e quasi morta?

Manda-o entrar... E dize, ó doce amada!
Que elle se aqueça desse olhar no brilho...
Vai de tão longe te pedir pousada:
Deixa-o ficar no berço de teu filho...

Angicos. — 2 de Maio de 1896.

## ESTRADA A FORA

❧ ❧

... são assim as paginas da vida;
Mil amarguras perto de cem flores.
Ao pé do riso, — a lagrima dorida.
H. CASTRICIANO — *Ruinas*.

Ella passou por mim toda de preto
Pela mão conduzindo uma creança...
E eu cuidei ver alli uma Esperança
E uma Saudade em pallido dueto.

Pois, quando a perda de um sagrado affecto
De lastimar esta mulher não cança,
N'uma alegria descuidosa e mansa
Passa a creança, o beija-flor inquieto.

Tambem na Vida o gôso e a desventura,
Caminham sempre unidos, de mãos dadas,
E o berço ás vezes leva á sepultura...

No Coração, — um horto de martyrios! —
Brotam sem fim as illusões douradas,
Como nas campas desabrocham lirios.

1897.

# REGINA CŒLI

*A Antonia de Araújo*

> Tudo o que sobe ao céo, tudo o que desce á terra
> Balbucia o teu nome......
>
> LUIZ MURAT.

Teu nome santo, ó Maria,
Tem a doçura innocente,
De uma caricia macia,
De uma chimera dolente.

Nelle se embala a Esperança
N'uma meiguice dilecta,
Como no berço a creança,
Como no verso o poeta.

Do Céo teu nome nos desce
N'uma harmonia divina,
Como um cicío de prece
Nos labios de uma menina.

Teu nome é setineo laço
Prendido em formoso véo,
Qual branca nuvem no Espaço,
Qual uma estrella no Céo.

Teu nome reflecte a imagem
Da melodia serena,
Que passa rindo n'aragem
E no voejar da phalena.

Uma blandicia suave
Nelle cantando divaga,
Como no Azul uma ave,
Como no Mar uma vaga.

Teu nome, cheiroso lirio,
No niveo calice encerra,
Todo o mysterio do Empyreo,
Toda a alegria da Terra.

Como um contraste do encanto,
N'este teu nome diviso
Toda a saudade do pranto
E todo o affago do riso...

Ah! todo o perfume amado,
Toda a fragrancia mimosa,
Que o colibri namorado
Bebe no seio da rosa;

Toda a pureza do Amor,
Todo o feitiço do olhar,
Orvalho a cahir na flor,
Sereno a cahir no Mar...

Tudo em teu nome palpita,
Tudo embriaga e seduz,
Como a delicia infinita
De um paraiso de luz.

E, n'um canto repassado
De lyrismo que extasia,
Teu nome vive embalado,
Teu nome santo, ó Maria!

## MATER

*A meus irmãos*

O' santa, ó minha mãe, meu sol primeiro!

LUIZ MURAT.

Minha mãe! meu amor! Porque voaste, rindo,
Para o paiz azul e santo da chimera?
Minha mãe! minha mãe! Si o Céo é sempre lindo,
Aqui tambem ha sol, tambem ha primavera...

Depois que te partiste e os teus pobres filhinhos
Pequeninos e sós, deixaste na orphandade,
Ficamos a chorar — implumes passarinhos! —
Que os passaros tambem soluçam de saudade.

Pobres aves sem ninho, andamos á procura
Do ninho de teu seio immaculado e amigo,
Creancinhas sem berço, em busca de um abrigo
No berço de tu'alma alabastrina e pura.

Não nos deixes soffrer. Outr'ora, quando afflicta
Tu nos vias chorar — os risos de tu'alma! —
Soluçavas tambem e a tua mão bemdita
Nos enxugando o pranto, o transformava em calma.

Teu seio, ó minha mãe, era a corrente mansa,
Sempre serena e doce em seu gemer eterno,
Onde boiava, a rir, noss'alma de creança
No mimoso batel do coração materno.

Como era bom dormir na curva de teu braço,
Sonhando adormecer ouvindo-te cantar...
Como era bom dormir, ó mãe, em teu regaço,
Dourando-nos o somno a luz de teu olhar!

Angicos — 1896.

## CARLOTA

❦ ❦

*A Carlota Valença*

Quiz bordar teu nome amado
E roubei uns fios de oiro
Das tranças de teu cabello,
Tão longas e perfumadas...
Depois do nome bordado,
Com aquelle cabello loiro,
Cuidei ver o Setestrello
Nas sete lettras douradas.

1897.

2.

# CANTANDO

❧ ❧ ❧

*A meu irmão Henrique*

Tão mimosa estrella
No Céo hontem vi,
Que minh'alma, ao vel-a,
Pensou logo em ti.

Pensou em ti, santo!
Vendo-a assim brilhar...
Parecia o encanto
De teu doce olhar.

De teu olhar puro,
Meu celeste amor!
Onde o meu futuro
Vai boiando em flor.

Vai boiando, a tôa,
Sem querer parar,
Qual penna que vôa,
Suspensa no Ar.

Suspensa voando
Como um Cherubim
Que passa cantando
Pelo Azul sem fim.

Pelo Azul se esconda
Quem deseja amar,
Qual nuvem, qual onda,
No Céo ou no Mar.

No Céo, si anoitece,
Ninguem vê o Sol...
Mas que importa? A Prece
E' um rouxinol.

Rouxinol que chora,
Mas sempre a cantar.
Quando nasce a aurora
Tambem canta o Luar.

Tambem canta amores
Um'alma sem luz...
Nunca viste flores
Aos pés de uma Cruz?

Aos pés de Maria,
Como é bom rezar!
Que casta ambrosia
Se espalha no altar,

Se espalha no labio!
Sem gosto de fel,
O doce resabio
De um favo de mel.

De um favo tão doce
Como o teu olhar,
Pois nelle encarnou-se
Mimosa, a brilhar...

Mimosa e tão clara,
A estrella que eu vi!
A luz que me aclara,
Quando penso em ti.

Macahyba — 1896.

## CELESTE

*A uma creança*

Eu fiz do Céo azul minha esperança
E dos astros dourados meu thesoiro...
Imagina porque, doce creança,
Nas noites de luar meus sonhos doiro!

Adivinha, si podes, quanto é mansa
A luz que boia sob um cilio de oiro.
E como é lindo um laço azul na trança
Embalsamada de um cabello loiro!

Imagina porque peço, na morte,
— Um esquife todo azul que me transporte,
Longe da terra, longe dos escolhos...

Imagina porque... mas, lirio santo!
Não digas a ninguem que eu amo tanto
A côr de teu cabello e dos teus olhos!

Jardim — Agosto de 1897.

## DESALENTO

Quando o meu pensamento se transporta
A's praias de alem mar,
Sinto no peito uma tristeza immensa
Que manda-me chorar.

E' que vejo morrerem, uma a uma,
Santas aspirações,
E voarem com os passaros saudosos
As minhas illusões...

Nunca julguei que a terra fosse um tumulo
De sonhos juvenis,
Sorrindo acreditei que aqui, no mundo,
Podia ser feliz...

Enganei-me: — a tristeza, que me opprime
O coração sem luz...
Como do Sol o derradeiro raio
Nos braços de uma Cruz...

A tremula saudade que entristece
E faz desfallecer ;
Essa agonia lenta que me inspira
Desejos de morrer... —

Tudo me diz que a vida é o desengano,
A morte da Illusão,
E o mundo um grande manto de tristezas
Que enluta o coração.

Jardim — 1893.

# AO LUAR

❧ ❧

*A Maria Fausta e a Mercês Coelho*

Astros celestes, docemente louros,
Giram no Espaço, em luminoso bando;
Ouve-se ao longe um violão plangente
E, mais além, n'um soluçar dolente,
Canções serenas, ao luar voando.

Quanta tristeza pela noite clara!
Quanta saudade pelo Azul boiando!
Cuida-se ouvir n'um dolorido chôro
As preces tristes de um magoado côro
De almas penadas ao luar rezando.

O Céo parece uma egrejinha antiga
Que a Lua branca vai allumiando...
E essas estrellas, muito alem dispersas,
São rosas brancas no Infinito immersas,
Monjas bemditas, ao luar chorando.

Os pyrilampos, pelas moitas tristes,
Voam, calados e subtis, brilhando...
Lembram descrenças, a bailar sombrias,
Illusões mortas de esquecidos dias,
Almas de loucos, ao luar passando.

Flocos de nuvens pela Esphera adejam,
Barcos de neve pelo Azul formando...
Semelham preces que se vão da terra,
Almas mimosas, que este mundo encerra
De creancinhas, ao luar sonhando.

Elles parecem tambem velas brancas
Soltas, a tôa, pelo Mar vogando...
Leves e tenues, a correr immensas,
Folhas de lirios pelo Ar suspensas,
Aves saudosas, ao luar chorando.

Ai ! quem me dera ser tambem creança !
Ai ! quem me dera andar tambem voando !
Fazer dos astros um barquinho amado,
N'elle vagar por todo o Céo dourado,
As minhas dores ao luar cantando !

Angicos — Junho de 1896.

## GOIVOS

❦ ❦

*A' memoria de Irineu.*

Um dia... (eu era menina)
Trouxeram-me um passarinho:
Era uma ave pequenina,
Roubada ao calor do ninho.

Inda não era sol posto...
Quanto perfume trazia
A aragem fresca e macia
D'aquella tarde de Agosto!

Devagarinho, no solo,
Sentei-me a cantarolar;
De manso, puz-me a embalar
O pobresinho no collo.

Que tempo estive, não sei!
Do mundo inteiro distante,
O jardim, naquelle instante,
Foi a terra que eu amei.

Depois... a noite descia...
E eu senti, dentro do seio,
Não sei que vago receio
Da tarde que, além, morria!

N'uma gaiola pequena
Fui deitar o passarinho,
Fazendo lá dentro um ninho
De algodão frouxo e de penna.

Mas dias depois, ó dor!
Que grande desdita a minha!
No fundo da gaiolinha
Achei morto o pobre amor.

Tinha o biquinho entreaberto
Qual se morresse a cantar,
E um par de azas aberto
Como se fosse a voar.

Chorei sem hypocrisia,
Como se chora em creança...
Era a primeira esperança
Que do seio me fugia.

II

Que de annos ja vão! Entanto
Só recordo, entristecida,
A hora em que vi sem vida
O meu pequenino encanto.

E, daquelle triste dia
Do meu viver de creança,
Conservo como lembrança
A gaiolinha vasia.

Lembrança ingenua e sagrada!
Caricia que se balouça,
Entre os meus sonhos de moça,
Como reliquia adorada!

## III

Um dia destes, enferma,
Eu recordava, a chorar,
Um sonho que vi brilhar
Em minha vida tão erma.

E cheia de desconforto
Fui evocando o perfil,
Sereno, meigo e gentil,
De meu irmãosinho morto,

Quando ouvi, muito baixinho,
Um grito vago e dorido,
Como o saudoso gemido
De um'ave, pedindo o ninho...

Quem ousaria no mundo
Penetrar na soledade,
Onde gemia a saudade
Do meu coração no fundo?

Julguei sonhar... Mas, desperta
Estava, ainda, e sosinha!
Aquelle gemido vinha
Lá da gaiola deserta.

**Era o soluço choroso**
**Da ave que se partira,**
**E de meu seio fugira**
**Em busca do Azul formoso!**

*
* *

**Mas... a gaiola vasia,**
**Que eu conservo noite e dia**
**Não sabem? E' o Coração...**
**E' dentro d'elle que mora,**
**E' dentro d'elle que chora,**
**A alma de meu irmão!**

Nova Cruz — 1897.

## MYSTICO

*Ao sahir da Egreja depois da Communhão.*

A chuva cae do Céo e o mundo é como um ermo,
Um deserto sem fim de onde emigrou a luz...
Mas que me importa a treva, a escuridão sem termo,
Si eu sinto dentro em mim quem fez o Sol — Jesus?

3 — 4 — 1896.

## ANGELINA

❦ ❦

Brilhante como uma estrella,
creança e já n'uma cova!

J. Eustachio de Azevedo.

Ter doze annos somente
E nesta edade soffrer!
Sonhar um porvir ridente
E nesta aurora morrer!

Eis o que foi-te a existencia,
O' desditosa Angelina!
Doce lirio de innocencia,
Pobre flóco de neblina.

Como dois botões pequenos,
Duas flores orvalhadas,
Teus olhos dormem serenos,
Sob as palpebras cerradas.

3.

Voaste, meiga creança,
Tão feiticeira e mimosa,
Como um riso de esperança,
Como uma folha de rosa.

E' triste morrer no fim
De uma manhã de esplendores...
A fronte occultar, assim,
N'uma grinalda de flores.

E sentir, por entre a dor
Da derradeira agonia,
De mãe um beijo de amor
Roçar a fronte já fria...

Quando n'um suspiro leve,
Est'alma que o corpo encerra,
— Como uma pomba de neve
A desprender-se da terra ; —

N'um vôo suave e franco
Fugiu para o Céo de anil...
Vestiram-te então de branco,
Como uma noiva gentil.

No setineo caixãosinho,
Mais puro que as alvoradas,
Depuzeram teu corpinho,
Entre as cambraias nevadas.

Ahi, no funereo leito,
Toda coberta de rosas,
Tendo cruzadas ao peito
Duas mãosinhas formosas;

Pareces um anjo santo,
Envolto em gelido véo,
Transpondo azulado manto,
Como em procura do Céo.

Eu sigo-te o vôo alado,
Pela esphera diamantina,
O' meu anjo immaculado,
O' minha santa Angelina!

## NO TEMPLO

Que suave harmonia,
Em tua voz...
Tu roubaste-a, Maria,
Aos rouxinoes ?

Aqui, na Egreja santa,
Si vens rezar,
Quanta piedade, quanta !
Trazes no olhar.

Maria ! como és bella,
Junto a Jesus !
O teu olhar de estrella
Parece luz.

E que doce brancura
Na tua côr...
Tens a pallida alvura
De um lirio em flôr.

Junta estas mãos, formosa!
Assim... assim...
Deixa o labio de rosa
Pedir por mim.

Vale tanto uma préce,
Dita por ti!
Mas... a noite já desce.
Vamos d'aqui.

Olha que eu tenho medo
Da escuridão...
Vamos: termina cedo
Tua oração.

Jardim — 1895.

## RENATO

❧ ❧

Um menino interessante
E' o Renato de Carminha...
Um cherubim tão galante
Cuidei que á terra não vinha.

E como lhe assenta bem
A roupinha azul que veste...
Dá-lhe os ares de quem vem
De uma paragem celeste.

Quando elle passa, tão lindo!
A' tardinha a passear,
Todos lhe falam sorrindo
Com vontade de o beijar.

As mães o chamam : filhinho!
As moças dizem : meu bem!
Mas o *capêta* do anjinho
Não olha para ninguem.

Como elle fica engraçado
— O pequenino taful —
Com o bonet, posto aò lado,
Todo de velludo azul.

O seu cabellito louro
A se escapar do chapéo,
Parece uma nuvem de ouro
Querendo cahir do Céo.

Angicos — 1896.

## REZANDO

❧ ❧

*A Laura Ramos.*

Roseo menino
Feito de luz,
Lirio divino,
Santo Jesus !

Meu cravo olente,
Côr de marfim,
Pobre innocente,
Branco jasmim !

Entre as palhinhas,
Pequeno amor,
Das creancinhas
Tu és a flor.

Cabello loiro,
Olhos azues...
E's meu thesoiro,
Manso Jesus !

Estrella pura,
Santo pharol,
Flor de candura,
Raio de sol...

Dá-me a esperança
N'um teu olhar:
Loura creança
Me ensina a amar.

Sonho formoso
Cheio de luz,
Jesus piedoso,
Meu bom Jesus..

Como eu te adoro,
Pequeno assim!
Jesus, eu choro,
Tem dó de mim.

No doce encanto
De um riso teu,
Jesus tão santo,
Leva-me ao Céo!

Em ti espero,
Mostra-me a luz...
Leva-me, eu quero
Ver-te, Jesus!

Macahyba. — Noite de Natal — 1896.

## AO CLARÃO DA LUA

*A meu irmão Eloy*

### O LIRIO

Lá nas alturas, modesta e loura,
— Do Céo immenso na face núa —
A lua branca todo o Azul doura...

### A NUVEM

Ah! si eu podesse mudar-me em lua!

### O PERFUME

E aquella estrella, tão pequenina
Que mal a gente consegue vel-a,
Como scintilla, casta e divina!

A LUA

Ah! quem me dera ser uma estrella!

A NUVEM

O lirio branco, cheio de orvalho,
Invoca a lua no seu martyrio
E doce e triste treme no galho...

A ESTRELLA

Ah! quem me dera ser como o lirio!

O CÉO

Perfume doce boia nos ares...
Virá nas azas de um vagalume?
Será da terra? Será dos mares?

O ORVALHO

Ah! quem me dera ser o perfume!

O POETA

Terno instrumento suspira ao longe
N'uma cadencia melodiosa...
Será na cella piedoso monge?

UMA CREANÇA (*sonhando*)

Ah! quem me dera ser uma rosa!

A NOITE

O sonho vive dentro em meu seio,
Garrulo e meigo, doce e risonho,
Cheio de luzes, de aurora cheio...

O PERFUME

Ah! quem me dera ser como o Sonho!

A MADRUGADA (*ao longe*)

Ouvem? As aves ja vêm cantando,
As estrellinhas tomam seu véo...
E' tempo de irmos tambem chegando...

O CORAÇÃO

Ah! quem me dera subir ao Céo!

Janeiro de 1897.

## N'UM LEQUE

Na gaze loira d'este leque adeja
Não sei que aroma mystico e encantado...
Doce morena! Abençoado seja
O doce aroma de teu leque amado!

Quando o entreabres, a sorrir, na Egreja,
O templo inteiro fica embalsamado...
Até minh'alma carinhosa o beija,
Como a toalha de um altar sagrado.

E emquanto o aroma inebriante vôa,
Unido aos hymnos que, no côro, entôa
A voz de um orgão soluçando dores,

Só me parece que o choroso canto
Sobe da gaze de teu leque santo
Cheio de luz e de perfume e flores!

## AO MAR

❦ ❦

*A D. Martha e D. Amelia Pacheco.*

Hontem á tarde, ao pé de ti sentada,
Eu puz-me a contemplar-te, ó Mar bravio!
Pensava que acolhida em tuas ondas
Talvez minh'alma não sentisse frio!

Contei-te, uma por uma, as cruas dôres
De minha vida, toda de saudade;
Quiz afogar as minhas maguas fundas
No leito azul de tua immensidade.

Como seria bom morrer ahi,
Moça, innocente, tendo n'alma em flor,
Um mundo virgem de sagradas crenças,
Todo banhado no ideal do Amor!

Tu dar-me-hias, então, a sepultura
Nessas espumas murmurosas, bellas...
E á noite, se mirando em tuas aguas,
Me cobriria o Céo de mil estrellas.

Ao pé de ti, como um soluço brando,
Sinto fugir-me, pouco a pouco, a vida...
Chorai, vagas, por mim ! dobrai finados
Bem como os sinos de risonha ermida !

No mausoléo augusto do Oceano
De outros dobres minh'alma não precisa ;
Por supplica mortuaria só deseja
O soluço do vento que deslisa...

Dezembro de 1893.

## MEU SONHO

*A Yayá e a Maria Leonor Medeiros.*

Eu tenho um sonho que no Céo mora
Feito de luz e feito de amor,
Um sonho roseo como uma aurora,
Um sonho lindo como uma flor.

E eu vivo sempre, sempre sonhando,
O mesmo sonho de noite e dia,
O mesmo sonho suave e brando
De minha vida toda a alegria.

Quando soluço, quando minh'alma,
Cheia de angustia, fica a chorar,
O sonho amado me traz a calma
E então minh'alma põe-se a rezar.

Quando, nas noites frias de inverno,
Eu tenho medo da tempestade,
Elle, o meu sonho, consolo eterno,
Transforma as sombras em claridade.

Quando no seio, choroso e louco,
Palpita, incerto, meu coração...
O sonho doce vem, pouco a pouco,
Trazer-me a graça de uma illusão.

E eu canto e rio na luz dispersa
Deste diluvio de phantasias...
Minh'alma vôa no Azul immersa
Buscando a patria das harmonias.

Imagem doce, visão sagrada,
Chimera excelsa dos meus amores,
Perola branca, delicia amada
Balsamo puro das minhas dôres;

Elle, o meu sonho, pharol que encanta,
Guia-me á patria da salvação
Sorriso ingenuo, reliquia santa,
Do relicario do coração!

96.

4

# NA JUDÉA

❦ ❦

*Imitando a* Transfiguração *de G. Crespo*

Tinha Jesus no olhar o doce azul dos mares
E no cabello d'oiro os raios estrellares.

No seu sorriso em flor alguma cousa havia
Dos beijos virginaes dos labios de Maria.

Seu passo era tão leve e sua voz tão mansa
Como deve ser leve um sonho de creança.

Elle vinha do Céo dizer ao mundo inteiro :
« Eu sou filho de Deus, Messias verdadeiro. »

O povo soluçava ouvindo a voz dolente
Do pallido Jesus, tão doce e tão clemente !

E Maria tambem, lembrando a prophecia
Do velho Simeão, da espada da agonia,

**Soluçava de dor fitando os olhos castos**
**No rosto de seu filho, em seus cabellos bastos.**

**Mas Jesus, a sorrir, fallava á turba immensa,**
**Silenciosa a escutar, de sua voz suspensa...**

**E a palavra de luz de seus labios descia,**
**Como o pranto sem fim dos olhos de Maria.**

## FLORES

❦ ❦

*A Leopoldina e Rosa Monteiro*

Quando começa a raiar
O dia cheio de amor,
Eu gosto de contemplar
O coração de uma flor;

Desmaiada e tremulante,
Pendendo triste no galho
Tendo o pistillo brilhante
Embalsamado de orvalho:

A rosa só me parece,
Assim tão casta e sem veo,
Um anjo rezando a prece,
Um'alma voando ao Céo.

Do jasmim puro e mimoso,
A corolla embranquecida,
E' como um seio formoso
De creança adormecida.

Esqueço-me, então, das horas
A contemplar estas flores,
As violetas, auroras,
Saudades, lindos amores.

1894.

# LYDIA

❧ ❧

*A Esther.*

Feliz de quem se vai na tua idade,
Murmura aquelle que não crê na vida,
E não pensa sequer na mãe querida
Que te contempla cheia de saudade.

Pobre innocente! Se alegrar quem hade
Com tua sorte, rosa empallecida!
Branca açucena inda em botão cahida,
O que irás tu fazer na eternidade?

Foges da terra em busca de venturas?
Mas, meu amor, si conseguires tel-as
De certo não será nas sepulturas.

Fica entre nós, irmã das andorinhas:
Deus fez do Céo a patria das estrellas,
Do olhar das mães o Céo das creançinhas.

## AO MEU BOM ANJO

Dizem que a vida não é mais que um sonho,
Meu Deus, quero sonhar!
Empresta-me, anjo bom, as tuas azas,
Guarda no seio a minha fronte em brazas,
Ensina-me a rezar!

Vamos, vamos, alem... foge commigo!
Procuremos bem longe um doce abrigo
Na patria dos archanjos...
A vida é sonho e como um sonho passa...
Pois, bem! vamos viver no Céo da graça,
Meu Deus, como dois anjos!

Quero fugir do mundo tenebroso
Labyrintho de dores...
Mensageiro divino, vem commigo,
Quero sonhar, viver, sorrir comtigo,
No Eden ha só flores!

Minh'alma, casta rôla abandonada,
Desfallece sosinha pela estrada
Não pode mais voar...
Empresta-lhe, anjo bom, as tuas azas :
Sinto estalar-me o coração em brazas
Cançado de chorar.

Assim voando pelo espaço em fóra
E vendo-te a meu lado a toda a hora,
Quero — fugindo d'este mundo agreste
Unida ao seio teu,
Embalada por ti, anjo celeste! —
Buscar meu ninho pelo azul do Céo!

1894.

## MORENA

❧ ❧

*A' moça mais bonita de minha terra*

O' moça faceira
Dos olhos escuros,
Tão lindos, tão puros,
Qual noite fagueira!

Creança morena,
Teus olhos rasgados
São céos estrellados
Em noite serena!

Que doces encantos
No brilho fulgente,
No brilho dolente
De teus olhos santos!

E eu vivo adorando,
Meu anjo formoso,
O brilho radioso
Que vão derramando,

Em chammas serenas,
Tão mansas e puras,
Teus olhos escuros,
O' flor das morenas!

## SYMBOLICAS

❦ ❦

*A Emilia Guerra.*

Quando Deus creou Alem
As estrellas em cardume,
Na Terra creou tambem
As flores, mas sem perfume.

Um dia, ao mundo de abrolhos
A Virgem pura desceu,
Com um manto da côr dos olhos
E uns olhos da côr do Céo.

No Céo azul de seu manto
Brilhava um astro : Jesus!
E, em seu olhar sacrosanto,
Boiava a Innocencia, a Luz...

Maria! — os anjos clamaram
A chorar, vendo-a partindo... —
Tu levas nossa alegria... »
Mas da Terra lhe acenaram
As flores todas, abrindo :
« Maria! »

E Ella deixou do Infinito
Os resplendentes fulgores,
Para acudir ao bemdito
Aceno doce das flores.

E teve pena de vel-as
Formosas, mas sem ter brilho :
Olhou sorrindo as estrellas
Dos cabellos de seu Filho...

Ah! fôra Ella que as fizera
Com a graça de seu sorriso,
N'um dia de Primavera,
Na gloria do Paraiso!

E seus olhos procuraram
Algum occulto thesouro :
« Para as flôres que faria? »
Quando do Céo a chamaram
Os Anjos todos, em côro :
« Maria! »

Ia partir... Que lembrança
Podia deixar no campo?
Dera o sorriso á creança,
Estrellas ao pyrilampo!

Nos meigos olhos perpassa
Não sei que lampejo doce...
E a Virgem, cheia de graça,
Do mundo triste evolou-se.

Mas, Ella, que dera o encanto
Do riso sagrado á infancia,
Da dobra azul de seu manto
Deixou cahir a fragrancia.

Desde esse dia, na Terra,
As flores sabem fallar...
A voz da flor é a ambrosia
Que tanta doçura encerra
Quando murmura ao luar :
« Maria! »

Jardim — Agosto de 1897.

## MYSTERIO

❧ ❧

*A' memoria do pequeno Alberto.*

Sei que tu'alma carinhosa e mansa
Voou, sorrindo, para o Azul celeste;
Sei que teu corpo virginal descança
Aqui da terra n'um cantinho agreste.

Tudo isto sei: mas tu não me disseste
Se lá no Céo, na patria da Esperança,
Ou aqui no mundo, á sombra do cypreste,
Deixaste o coração, loura creança!

Desceu acaso com o corpo á terra
Elle tão puro e que só luz encerra?
Não creio n'isso e ninguem crê de certo...

Emtanto eu scismo que, n'um valle ameno,
Talvez o seio de um jasmim pequeno,
Sirva de berço ao coração de Alberto.

Macahyba — Março de 1895.

## AGONIA DO CORAÇÃO

*A Maria Carolina de Vasconcellos*

« Estrellas fulgem da noite em meio
Lembrando cirios loiros a arder...
E eu tenho a treva dentro do seio...
Astros! velai-vos, que eu vou morrer!

Ao longe cantam. São almas puras
Cantando á hora do adormecer...
E o echo triste sobe ás alturas...
Moças! não cantem que eu vou morrer!

As mães embalam o berço amigo
Doce esperança de seu viver...
E eu vou sosinha para o jazigo...
Chorai creanças, que vou morrer!

Passaros tremem no ninho santo
Pedindo a graça do alvorecer...
Emquanto eu parto desfeita em pranto...
Aves! suspirem que eu vou morrer!

De lá do campo cheio de rosas
Vem um perfume de entontecer...
Meu Deus! que maguas tão dolorosas...
Flores! fechai-vos, que eu vou morrer! »

## VERSOS LIGEIROS

❧ ❧

Eu acho tão feiticeira
A Noemita da esquina,
Com o seu recato de freira,
Muito morena e franzina;

Que fico toda encantada
Quando na Egreja a contemplo,
Pois cuido ver uma fada,
Ajoelhada no Templo.

Doce nuvem côr de rosa
Parece que a Deus se eleva,
D'aquella bocca mimosa,
D'aquelle olhar côr de treva.

E' sua prece que vôa,
Indefinida e tão mansa,
Como um hymno que resôa,
Como uma voz de creança.

A trança de seu cabello,
(Como ella é negra, Jesus!)
Semelha um lindo novello
Tão preto que já reluz.

Tem a boquinha vermelha
Como uma rosa entreabrindo...
E' um favo de mel de abelha
Aquella bocca sorrindo!

Minh'alma nunca se cança
De vel-a assim, tão divina,
Sempre formosa e creança
Com o seu perfil de menina.

A's vezes, eu olho-a tanto,
Com tanta veneração,
Que fico muda de espanto,
Depois da contemplação.

E' verdade que não faz
Mal nenhum fital-a assim...
Meu Deus! si eu fosse rapaz
O que diriam de mim?! .

**Macahyba** — 1897.

## UM SONHO

Tudo era calmo... Junto, ao pé do altar,
Meu coração rezava docemente;
E um cirio branco, triste, a soluçar
Dizia á flor n'um murmurar dolente :

« Vê, minha irmã, aqui na solidão
Dorme Jesus, sosinho, abandonado...
Não sente palpitar um coração
Que lhe traga um sorriso abençoado.

Elle diz : vinde á mim, vós que choraes
E o vosso pranto mudarei em flôres;
Eu quero recolher os vossos ais
No cofre onde descançam minhas dôres.

Falla Jesus, e o mundo não responde.
Os homens folgam nos salões ruidosos,
E aqui, dorida, nossa voz esconde
A magua funda dos que vão chorosos. »

Calou-se o cirio, e a rosa entristecida,
Entreabrindo o calice perfumado,
Murmurou, n'uma prece indefinida
De mãe que pede pelo filho amado :

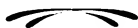
« Quero o meu leito, aqui junto ao Sacrario,
Minha tumba nos braços desta Cruz;
E' tão doce subir para o Calvario
Beijando a terra onde pisou Jesus!

E depois... Quando a luz te consumir
Cahirão minhas folhas resequidas.
Outros cirios e rosas hão de vir
Redizer nossas queixas doloridas. »

Assim fallou a rosa, e, desfolhada
Tombou, chorando, sobre a pedra fria.
Da pobre vela reduzida ao nada
O pranto apenas sobre o altar se via.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Eu acordei... Uma tristeza infinda
Lembrou do sonho a imaginaria dôr,
E, de meu leito, eu escutava ainda
Gemer o cirio e soluçar a flôr.

Jardim — 1895.

## PASSANDO

*Ao Dr. Celestino Wanderley, em agradecimento á sua « Morte de Cecy ».*

Quando me veem passar risonha e calma,
Sem um pezar que me annuvie a fronte,
Perdido o olhar na curva do horisonte,
Cuidam que eu tenho o paraiso n'alma.

Mesmo encontrei quem me dissesse um dia :
« Invejo-te a existencia descuidosa. »
Como si espinhos não tivesse a rosa,
Ou fosse a vida isenta de agonia!

Porem, emquanto desdenhosa, altiva,
Eu voû passando, alegre ou pensativa...
A rir, a rir, como um feliz demente,

Meu pobre coração dentro do peito,
— Triste doente a agonizar no leito —
Vai soluçando dolorosamente...

Araçá — 1895.

## OLHOS AZUES

❦ ❦

*A Palmyra Magalhães*

O teu olhar azul claro
Reflecte não sei que luz,
O brilho fulgente e raro
Do meigo olhar de Jesus.

Eu cuido ver todo o encanto,
Toda a belleza do Céo
Nestes teus olhos sem pranto,
N'estes teus olhos sem véo.

Sinto uma doce ventura
Uma alegria sem fim
Se d'elles a chamma pura
A's vezes cae sobre mim.

São flores azues boiando
A' tona d'agua, de leve,
Esses dois olhos beijando
O teu semblante de neve!

Angicos — 1896.

## NA CAPELLINHA

*Lembrança do collegio*

Entrou na Egreja sorrindo,
Coberta com um fino véo.
O seu rostinho era lindo
Como o da Virgem do Céo.

Foi ajoelhar-se contricta
Ao pé do sagrado altar,
E, com piedade infinita,
Principiou a rezar.

Um doce sorriso veiu
Encher-lhe a bocca de luz.
Uniu as mãos sobre o seio,
Fitou os olhos na Cruz.

O que dizia... Alguem pode
Adivinhar o que diz
A prece que ao labio acode
Emquanto a gente é feliz?

Nessa idade para que
Se reza... (saberei eu?)
A gente reza porque
Tambem se reza no Céo.

E ella, tão meiga e pura,
Que não conhecia o mal,
E que guardava a ventura
No coração virginal;

Em sua fé de creança
Ingenua e cheia de amor,
Talvez pedisse a esperança
Para os que vivem na dôr.

Talvez tivesse gemidos
Para quem vive a chorar,
Para os que vagam perdidos
Nas frias ondas do mar.

E emquanto o labio querido
Orava piedoso assim,
Do negro olhar commovido
O pranto rolou por fim.

E deslisaram sem calma
As bagas por sua tez
No desconsolo de um'alma
Que chora a primeira vez.

Su'alma santa onde moram
A Luz, a Innocencia e o Bem,
Pedindo pelos que choram
Foi soluçando tambem.

E comprehendendo o segredo
D'aquella doce emoção,
Eu disse baixinho, a medo,
Fallando ao meu coração :

Bemditos nós que soffremos
Varados por magua atroz...
Emquanto assim padecemos
Os anjos pedem por nós.

## SONETO

❧ ❧

Tudo o que é puro, santo e resplendente,
N'este mundo cruel de desenganos,
Toda a ventura dos primeiros annos
N'um'alma que desbrocha sorridente;

Tudo o que ainda vemos de potente
Na vastidão sem fim dos oceanos,
E da terra nos prantos soberanos
Trazidos pela aurora refulgente;

Tudo o que desce do infinito ousado:
O sol, a brisa, o orvalho prateado,
A luz do amor, do bem, das esperanças;

Tudo afinal que vem do Céo doirado
A despertar o coração maguado,
— Deus encerrou nos olhos das creanças!

Macahyba — 1893.

## MORTA

*A Jahel Beltrão.*

Dos braços da mãe querida
Desceu Laura á sepultura :
Morreu na manhã da vida,
Creança ainda e tão pura!

Não viu desbrochar-lhe n'alma
A aurora dos quinze annos;
Fugiu innocente e calma
Do mundo cheio de enganos.

Temeu, pobre mariposa!
O encanto louco das brazas,
Pois, na friez de uma lousa,
O archanjo não queima as azas.

De todo o choroso dia
Só nos resta na lembrança,
Como visão fugidia
D'aquella virgem creança :

Um caixãosinho funereo,
— Abysmo de nossas dôres —
Conduzido ao cemiterio
Como uma cesta de flôres.

## SANCTA VIRGO VIRGINUM

### PRECE

O' Santa estremecida,
Formosa e immaculada!
Estrella abençoada
Do Céo de minha vida!

Rainha casta e santa
Das virgens do Senhor,
Eterno resplendor
Que o mundo inteiro encanta.

Tu és minha alegria,
Meu unico sorriso,
O' flor do Paraiso,
Angelica Maria!

Ai! quantas vezes, quantas!
A minha fronte inclina
Orando a ti, divina,
O' Santa entre as mais santas!

O'Virgem tão serena!
Tu és meu sonho doce,
Perfume que evolou-se
De um seio de Açucena!

Amada creatura,
Lança-me estremecido
O teu olhar, ungido
De immacula doçura!

O' Arco da Alliança,
Celeste e branco lirio,
Salva-me do martyrio,
Senhora da bonança!

Envolve no teu véo
A minha triste sorte,
E mostra-me na morte
A porta de teu Céo!

Nova Cruz — Novembro de 1897.

# LOLI

*A' memoria da pequena Loli, das « Caricias ».*

Formosa e pura como um lirio puro
Na sua alvura virginal de neve,
Loli, no esquife pequenino e leve,
Lá vai caminho do sepulcro escuro.

Vai vestidinha como a Virgem santa
Mãe de Jesus, o doce Nazareno :
Mortalha branca de um alvor que encanta,
Manto estrellado, côr do Azul sereno.

Pallida a face, faz lembrar tão linda
De um lirio murcho a pallidez sem fim.
Como é bonito amortalhado assim
Um lirio branco, desbrochando ainda!

O caixãosinho tem a côr divina
Do mundo immenso, onde Jesus habita,
E o frio corpo da gentil menina
Repousa n'elle entre jasmins e fita.

Seu cabellito, perfumado e loiro,
Cobriam todos de cheirosas flores...
Traz-nos a mente, sepultado em dores,
Um encantado e virginal thesoiro.

Todos soluçam, meigos, contemplando
O esquife santo que caminha ali.
Beijos saudosos em formoso bando
Voam, gemendo, a procurar Loli.

O' creancinha, ó pequenina aurora!
Descerra as folhas, açucena amiga!
Rosa adorada que o tufão desliga
Da haste mimosa, quem te beija agora?

Mas já não ouve, o pobre sonho morto...
Tão longe o esquife! ninguem mais o alcança...
Barco celeste, vai levando ao porto
O corpo amado d'esta flor creança.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E branca, e branca como um lirio puro,
Na sua alvura virginal de neve,
Loli, no esquife pequenino e leve,
Lá foi caminho do sepulcro escuro.

Jardim — 1897.

CAMINHO

DO

SERTÃO

## CAMINHO DO SERTÃO

*A meu irmão João Cancio*

Tão longe a casa! Nem siquer alcanço
Vel-a atravez da matta. Nos caminhos
A sombra desce; e sem achar descanço
Vamos nós dois, meu pobre irmão, sosinhos!

E' noite já. Como em feliz remanso
Dormem as aves nos pequenos ninhos...
Vamos mais devagar... de manso e manso,
Para não assustar os passarinhos.

Brilham estrellas. Todo o céo parece
Rezar de joelhos a chorosa prece
Que a Noite ensina ao desespero e á dôr...

Ao longe, a Lua vem dourando a treva...
Thuribulo immenso para Deus eleva
O incenso agreste da jurema em flôr.

1897.

## AS MÃOS DE CLARISSE

Causam-me tantos martyrios
As tuas mãos adoradas,
Com estes dedos de fadas
Tão formosos e pequenos...
Que eu chamaria dous lirios,
Se houvesse lirios morenos!

## OLHOS DE SANTA

✠ ✠

*A Antonia Araújo.*

Cheios de treva e luz, teus olhos têm a côr
Das noites sem luar, ó meu divino amor!
E eu amo tanto a sombra e o brilho doce e puro
Dos grandes olhos teus, ó luz de meu futuro,
Como adora minh'alma os rutilos clarões
Do bando virginal de suas illusões.

Olha-me sempre e sempre... Em teu olhar formoso,
Minha noite e meu sol, ó Cherubim piedoso!
Eu quero ver atôa, eu quero ver boiar,
— Como se fosse um lago o teu formoso olhar —
Todo um mundo sem fim de sonhos e chimeras:
Lirios desabrochando ao sol da Primavera!

Não vês? E' noite, e o Céo nos mostra tanta luz
Que, olhando para cima, eu cuido que Jesus
As estrellas formou de luridos novellos
Dos raios ideiaes do sol de seus cabellos...
E assim no teu olhar, doce como um jasmim,
Uma estrella se fez do nosso amor sem fim.

Deixa brilhar a estrella loura e mansa,
Que nos ha de guiar á Terra da Esperança.

## A' MEMORIA DE UMA AVE

Quando morre uma creança
Diz-se que o pallido anjinho,
Voou como uma esperança,
Foi para o Céo direitinho.

Mas nossa mente se cança
A voar de ninho em ninho,
Interrogando a lembrança,
Quando morre um passarinho.

Só eu, se alguem diz que a vida
De uma avesinha querida
Se extingue, como um clarão;

Ponho-me a rir, pois, divina!
Ouço cantar, em surdina,
Tu, alma em meu coração.

Jardim — 1893.

## CÔRES

❧ ❧

*A Cecilia Burle.*

Emquanto a gente é creança
Tem no seio um doce ninho
Onde vive um passarinho
Formoso como a Esperança.

E elle canta noite e dia
Porque se chama : Alegria.

Depois... vae-se a Primavera...
E' o tempo em que a gente cresce...
O riso se muda em prece,
Aalma não canta : espera !

E ao ninho do Coração
Desce outra ave : a Illusão.

Mas esta, como a Alegria,
Nos foge... E fica deserto
O coração, na agonia
Do inverno que já vem perto.

Nas ruinas da Mocidade
E' quando pousa a Saudade...

Nova Cruz — Setembro de 1897.

## A EUGENIA

Imagem santa, que entrevejo em sonho
Sempre, sempre a cantar,
Creatura innocente, anjo risonho,
Que me ensinaste a amar!

Meu doce amor! Calhandra maviosa
Que canta dentro em mim;
Minha esperança timida e formosa,
Meu sonho de marfim!

Amarantho do Céo, flor encantada,
Mimoso colibri;
Minha açucena pallida e maguada,
Meu niveo bogary;

Gotta de orvalho a tremular n'um lirio
Que mal começa a abrir;
O' tu que apagas meu cruel martyrio
E que me fazes rir;

Madresilva entreaberta, lyra de ouro,
Celeste beija-flôr;
Minha camelia, meu sorriso louro,
Amor de meu amor;

Guarda estes versos que só dizem magua
E tristezas sem fim...
Deixa-os no seio como a gotta d'agua
No calix de um jasmim...

## A MORTE DE HELENA

« Eu não quero morrer ; » dizia a pobre Helena,
E a fronte, a soluçar, cahiu no travesseiro...
(Ai ! recordava assim a pallida açucena
Ou, do galho a pender, a flor do jasmineiro !)

« Não me deixem morrer assim na Primavera :
Esconde-me no seio, ó minha mãe querida !
A morte como é triste ! e o noivo que me espera
Ha de chamar por mim... Quem restitue-me a vida? »

E se poz a chorar : mas, chegando o delirio,
Esqueceu-se da morte e começou a rir...
Pobre noiva do Amor ! Pobre folha de lirio!
Ella os olhos cerrou, como quem vai dormir.

Miserrima creança ! Estava ali bem perto
A morte, a se abeirar de seu leito sagrado,
Para arrastar-lhe o corpo ao tumulo deserto,
Onde não brilha o Sol e nem o Riso amado.

E, quando despertou daquelle doce encanto,
Conheceu que morria e, cheia de pavor,
Supplicou a Jesus, por seu martyrio santo,
Que a deixasse na terra ao pé de seu amor.

« Mas, sei que parto sempre » accrescentou chorando.
« Mostrou-se-me da crença o doloroso véo...
Minha mãe vem commigo, a noite vai chegando
E eu talvez possa errar o caminho do Céo ! »

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E nesta mesma noite, escura, tenebrosa,
Deixou a doce Helena a terra, pobre goivo !
Mas tinha para ungir-lhe a campa lutuosa
Uma prece de mãe e as lagrimas do noivo.

Angicos — 1896.

# O BEIJA-FLOR

Acostumei-me a vel-o todo o dia
De manhãsinha, alegre e prasenteiro,
Beijando as brancas flores de um canteiro
No meu jardim — a patria da ambrosia.

Pequeno e lindo, só me parecia
Que era da noite o sonho derradeiro...
Vinha trazer ás rosas o primeiro
Beijo do Sol, n'essa manhã tão fria!

Um dia foi-se e não voltou... Mas, quando
A suspirar, me ponho contemplando
Sombria e triste, o meu jardim risonho...

Digo, a pensar no tempo já passado:
Talvez, ó coração amargurado,
Aquelle beija-flor fosse o teu sonho!

1897.

# NUNCA MAIS

✣ ✣

.... Il n'est plus dans mon cœur
Une fibre que n'ait résonné sa Douleur.

LAMARTINE — *Harmonies*.

**Que é feito de meu sonho, um sonho puro**
**Feito de rosa e feito de alabastro,**
**Chimera que brilhava, como um astro,**
**Pela noite sem fim do meu futuro?**

**Que é feito deste sonho, o cofre aberto**
**Que recebia as gottas de meu pranto,**
**Bagas de orvalho, folhas de amarantho,**
**Perdidas na soidão de meu deserto?**

**Elle passou como uma nuvem passa,**
**Roçando o azul em flor do firmamento...**
**Elle partiu, e apenas o tormento,**
**Sobre minh'alma triste, inda esvoaça.**

Meu casto sonho! Lá se foi cantando
Talvez em busca de uma patria nova.
Deixou-me o coração como uma cova.
E, dentro delle, o meu amor chorando.

Nunca mais voltará... Pois que lhe importa
Esta morada lugubre e sombria?
Não pode agazalhar uma alegria
Minh'alma, pobre morta!

## NO ALBUM DE EUGENIA

✣ ✣

Quanta dor a boiar nos olhos das creanças,
Quanta gotta a tremer no calice das flôres...
E aqui neste jardim, plantado de esperanças,
Eu venho inda depor a lagrima das dôres.

A lagrima é o meu nome escripto entre as formosas
Paginas de teu livro, um berço de boninas!
Pois não bastava o orvalho a tremular nas rosas,
Nem o pranto a rolar nas faces pequeninas?

## ANTONIETA

✻ ✻

Esta creança formosa
Tem um sorriso argentino,
Como o gorgeio divino
Que solta uma ave saudosa.

Muito innocente e mimosa,
Semelha um lirio franzino.
No rostinho pequenino
Guarda uma bocca de rosa.

Se falla, a voz adorada
E' como uma harpa encantada
Que os hymnos de Alem encerra.

Esta creança, Senhor!
E' um mimo de teu amor,
Um anjo descido á terra.

# CANTAI

❧ ❧

*A Eduwiges de Sá Pereira.*

Ó vós, que guardais no seio
Com tanto amor e carinho,
— Com o mesmo doce receio
De um'ave que guarda o ninho :

As illusões mais douradas
Que um'alma de moça encerra : —
Cantai as crenças nevadas
Que divinizam a terra ;

Cantai a meiga harmonia
Das esperanças em flor,
Cantai a vida, a alegria,
Na lyra santa do amor.

Cantai! O amor é a vida:
— Dizei-o nos vossos cantos —
E' uma aurora querida
Que desabrocha sem prantos.

Expatriai a saudade,
— O espinho do coração. —
Cantai a felicidade
De uma existencia em botão.

E' para vós a ventura,
A gloria que o mundo tem...
Que vos importa a amargura
De um'alma que chora além?

Eu tambem irei cantando,
Como vós, meus pensamentos,
Vivendo sempre sonhando
Sem dores e sem tormentos.

E já que não tenho amores,
E nem embalo esperanças...
Canto o perfume das flores,
Canto o riso das creanças.

Macahyba — 1896.

## PELO PASSADO

✣ ✣

Era um dia de Maio... Encheu-se o Templo
De grande multidão ;
Só rezavam aquellas que queriam
A paz do coração.

Eu era desse numero : ajoelhei-me,
Fiz o signal da Cruz...
Estava muito triste e desejava
Conversar com Jesus.

Ao pé de seu santo Tabernaculo
Começei a chorar...
Lembrava-me da infancia que fugira
Para nunca voltar.

E repassei na mente atribulada,
Assim nessa attitude,
Os sonhos liriaes e perfumosos
De minha juventude.

Porem se o triste labio murmurava
Sentidas orações,
Eu ouvia o soluço angustiado
De minhas illusões.

De minhas illusões que se partiam,
Dolentes e chorosas,
Como os anjos voando d'este mundo
A's plagas luminosas.

E emquanto assim aos pés do Redemptor
Choviam meus lamentos...
Já no Templo de todo se extinguia
A luz dos cirios bentos.

1893.

## PAGINA TRISTE

Ha muita dôr por este mundo afora,
Muita lagrima á tôa derramada;
Muito pranto de mãe angustiada
Que vem saudar o despontar da aurora!

Alma innocente só de amor cercada
A creancinha a soluçar descora.
Talvez no berço onde o menino chora
Tambem, oh Dor, tu queiras, desolada,

Erguer um throno, procurar guarida...
Foge do berço! não magôes a vida
D'esta ave implume, lirial botão...

Queres um ninho, um carinhoso abrigo?
Pois bem! procura-o neste seio amigo,
Dentro em minh'alma, aqui no coração!

Macahyba — 1895.

## RECUERDO

✣ ✣

*A Chiquinha Pinheiro.*

Findava o mez de Maio envolto em preces,
O doce mez das orações formosas...
Iam com elle as encantadas messes
Dos perfumes, dos sonhos e das rosas.

Era muito a tardinha; as aves mansas
Voavam todas, em formosos pares,
Como se fossem garrulas creanças
Que andassem, rindo, a percorrer os ares!

E eu murmurei ao ver assim voando
Aquellas aves para os brandos ninhos:
« Ah! quem me dera só andar cantando,
Sempre creança, como os passarinhos! »

## DE LONGE

❦ ❦

*A Antonia de Araujo.*

Para os teus annos, formosa,
Onde não vão meus desejos?
Mas longe de ti, saudosa,
Só posso enviar-te beijos.

Seria, porem, com pressa,
Cheia de muito receio,
Que eu faria esta remessa
De beijos pelo correio.

E então pelo espaço alado
Eu vou soltal-os em bando,
Como um batalhão dourado
De passarinhos voando.

Podem, assim, os amores,
Levar-te n'aza dispersos :
Minh'alma desfeita em flôres
E o meu coração em versos.

Macahyba — 26 — II — 1896.

## NOEMI

+ +

Eu quizera saber em que ella pensa
Esta mimosa e santa creatura,
Quando indeciso o seu olhar procura
Alguma estrella pelo Azul suspensa;

E que tristeza, indefinida, immensa,
Do seu olhar na flamma, ardente e pura,
Intermina e suave se condensa
Como as brumas no Céo em noite escura.

Pobre creança! Que infinita magua
Punge-te o seio e te annuvia os olhos
— Bemditos olhos sempre rasos d'agua! —

Choras... E o mundo te offerece flôres...
Deixa os espinhos, lagrimas e abrolhos,
Só para mim, que só conheço dôres!

1896.

## DOLORAS

* *

Já vão caminho do cemiterio
Meus louros sonhos em visões negras
E vão-se todos no Azul sidéreo
Como uma nuvem de toutinegras.

A noite de hontem levei chorando
Todo o passado de meus amores;
E o dia ainda me achou rezando
No immenso terço de minhas dôres.

Vejo na vida longo deserto
Sem doce oasis de salvação.
Dentro em minh'alma, douda, chorosa,
De pobre moça tuberculosa,
Cheio de medo, tremulo, incerto
Bate com força meu coração.

E assim morrendo, coitada, aos poucos,
Convulsa e fria, louca de espanto,
Solto suspiros, soluços roucos,
Olhando as cruzes do Campo Santo;

Porque me lembro que muito breve
Leva-me a elle tanta dor physica.
E dentro em pouco, branco de neve,
Verão o esquife da pobre tysica.

## O QUE SÃO ESTRELLAS

✣ ✣

*A Jesuina Sampaio.*

Ai! quantas vezes eu scismo
A noite olhando as estrellas,
Como quem sonda um abysmo :
Meu Deus! o que serão ellas?

E julgo que são pequenas
Almas gentis de creanças,
Voando ás plagas serenas
Como um bando de esperanças.

Caçoulas brancas, sagradas,
Cheias de amor e de encantos,
Hostias formosas, nevadas,
Eucharistia dos santos.

Sonhos de moça partidos,
Desillusões de poetas,
Raios de luz desprendidos
Das azas das borboletas.

Doces lirios transportados
Para uma encantada horta,
Sorrisos tristes, maguados.
De uns labios de noiva morta.

Mimosos, lindos novellos,
Formados da luz serena,
Que aureolava os cabellos
Tão louros da Magdalena.

Cada estrella, penso, encerra
Uma alma branca de rosa,
Que os anjos levam da terra
Para a Santa mais formosa.

Dever ser o Azul brilhante
O manto azul de Maria,
E cada estrella um diamante
Que neste manto irradia.

Ou talvez pennas dispersas
De um'aza nivea de archanjo...
Pupillas em luz immersas
Dos olhos castos de um anjo...

Parecem cirios divinos
No Azul immenso e sem véo...
Ninhos de ouro pequeninos
Dos beija-flores do céo...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E emquanto scismo respondem
Os astros, brancos arminhos :
Nós somos berços que escondem
As almas dos passarinhos.

Jardim — 6 — 1897.

## POBRE FLOR!

⁂

Deu-m'a um dia uma antiga companheira
Do tempinho feliz de adolescente;
E os meus labios roçaram docemente
Pelas folhas da nivea feiticeira.

Como se apaga uma illusão primeira,
Um sonho estremecido e resplendente,
Eu beijei-lhe a corolla, rescendente
Inda mais que a da flor da laranjeira.

E como amava o seu formoso brilho!
Tinha-lhe quasi essa affeição sagrada
Da joven mãe ao seu primeiro filho.

Dei-lhe no seio uma pousada franca...
Mas, ai! depressa ella murchou, coitada!
Doce e misera flor, cheirosa e branca!

Angicos — 1896.

## CREPUSCULO

*Ha pelo Espaço um ciciar dolente*
*De prece, em torno da Igrejinha em ruina...*
. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

## CREPUSCULO

❧ ❧

*A Julia Lyra.*

O *Angelus* sôa. Vagarosamente
A noite desce, placida e divina.
Ouço gemer meu coração doente
Chorando a tarde, a noiva peregrina.

Ha pelo Espaço um ciciar dolente
De prece em torno da Igrejinha em ruina...
Passaros voam compassadamente;
Treme no galho a rosa purpurina...

E eu sinto que a tristeza vem suspensa
Sobre as azas da noite erma e sombria...
E que, n'ess'hora de saudade immensa,

Rindo e chorando desce ao coração :
Toda a doçura da melancolia,
Todo o conforto da recordação.

Utinga — Novembro de 1898.

## BOHEMIAS

✣ ✣

*A Rosa Monteiro.*

Quando me vires chorar
Que sou infeliz não creias;
Eu choro porque no Mar
Nem sempre cantam sereias.

Choro porque, no Infinito,
As estrellas luminosas
Choram o orvalho bemdito,
Que faz desbrochar as rosas.

Do labio o consolo santo
E' o riso que vem cantando...
O riso do olhar é o pranto :
Meus olhos riem chorando.

O seio branco da aurora
Derrama orvalhos á flux...
O cirio que brilha, chora :
A dôr tambem fere a luz?

Teus olhos cheios de ardores
Aninham rosas nas faces...
Que seria dessas flores
Responde, se não chorasses?

Sou moça e bem sabes que
A moça não tem martyrios;
Se chora sempre é porque
Pretende imitar os lirios.

Emquanto eu viver no mundo,
Meus olhos hão de chorar...
Ah! como é doce o profundo
Soluço eterno do Mar!

Do labio o consolo santo
E' o riso que vem cantando...
O riso do olhar é o pranto :
Meus olhos riem chorando.

Jardim — 8 — 1897.

## NO ALBUM DE DOLORES

Escuta-me bem, Dolores,
Não queiras meu nome aqui :
Elle não é colibri
Para viver entre flores.

Tu'alma, irmã de Jesus,
Como consente ficar
Sobre a mesa de um altar
Um pobre cirio sem luz ?

Meu triste nome choroso
Quer uma outra habitação :
Guarda-o no teu coração,
Lirio celeste e formoso !

Rasga esta folha, Dolores,
Não deixes meu nome ahi :
Elle não é colibri
Para viver entre flores.

## ZIRMA

✣ ✣

Foi em Dezembro, no mez bemdito,
No mez de festa que ella partiu...
Desde esse tempo do seio afflicto
Minh'alma louca tambem fugiu.

E foi tão grande minha agonia
Que quasi morro de soluçar,
Quando beijei-a na bocca fria
Como uma concha que sae do Mar!

Passava a noite... (lembro-me tanto!)
Noite de lua, mysteriosa...
Choravam astros no ethereo manto...
Meu Deus, que noite silenciosa!

A lua mansa no Céo vogava
Como um barquinho n'agua do rio,
E parecia que murmurava:
« No Céo formoso faz tanto frio! »

No esquife azuleo, feito a capricho,
Por entre rosas de alvura tanta,
Deitaram Zirma como no nicho
Guarda-se a imagem de alguma Santa.

O rosto branco da côr do gêlo
Um doce lirio trazia á mente...
Na noite escura de seu cabello
Nem um só astro resplandecente!

Ninguem diria que estava morto
O labio aberto por um sorriso.
Na terra triste, — que desconfôrto!
Quanta alegria — no Paraiso!

Qual uma virgem, pura e singela,
Que deixa o mundo para ser freira,
Toda de branco tinha a capella
Feita de flores de laranjeira.

Por sobre o manto, formoso e leve,
Muito estrellado, de azul setim,
Das mãos pequenas da cor da neve
Pendia o terço côr de marfim.

Subiu-me aos olhos, em doudo assomo,
O amargo pranto do coração,
Vendo-a tão linda vestida como
Nossa Senhora da Conceição.

8

Os olhos negros erão dois cirios
Que se extinguiram no pé do altar...
Aquelles olhos, meus dois martyrios,
Quem contemplava sem soluçar!

O' pobre Zirma, nivea açucena,
Camelia branca murchada na haste:
Porque fugiste da vida amena,
Porque tão cedo me abandonaste?

Eu precisava de teu carinho
Como de orvalho precisa a flôr,
E embalde busco no meu caminho
O amparo doce de teu amor.

Anjo da guarda, formoso e santo,
Que me escondias nas tuas azas,
Quem é que agora me enxuga o pranto
Cilicio eterno na face em brasas!

Sem estes olhos que a morte cerra,
Sem o consolo de teu sorriso,
Como é que eu posso viver na terra,
O' minha santa do Paraiso!

Nova Cruz — 1897.

## CIUME

✢ ✢

Não brinques ao sol, menina!
E' tão preto o teu cabello,
Que exposto ao sol que illumina
Jamais, jamais quero vel-o.

Não sabes porque, Maria?...
Do sol o brilhante açoite
Só vem á terra de dia
Porque não gosta da noite.

E eu temo que ao ver, formoso,
O teu cabello, um thesoiro!
O sol que é tão invejoso
Não queira tornal-o loiro.

Loiro, Maria! o repouso
Onde vacillo com a cruz,
O doce abrigo onde pouso
Meus olhos fartos de luz?

Não quero, flor de minh'alma,
Linda esperança em botão...
O dia não é que acalma
As maguas do coração.

Quando a dôr em furia brusca
Lhe vem maguar o seio,
A treva da noite busca
Para chorar sem receio

E a minha noite mais pura
No teu cabello é que eu vejo;
Esqueço toda a amargura
Se a tua cabeça beijo!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E agora, santa, avalia,
Que pena teria eu,
Se chegasse a ver um dia
O teu cabello, Maria,
Da côr dos astros do Céo!

Nova-Cruz — Novembro — 1897.

## MELANCOLIA

Sinto no peito o coração bater
Com tanta força que me causa medo...
Será a Morte, meu Deus? Mas é tão cedo
Deixai-me inda viver.

Tudo sorri por este campo em flor,
O Amor e a Luz vão pelo Céo boiando...
Só eu vagueio a suspirar chorando
Sem Luz e sem Amor.

Lutando sempre com uma dor cruel
Cheia de tedio e desespero, ás vezes;
Minh'alma já tragou até as fezes
O calice de fel.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E o coração no seio a palpitar,
Como se acaso não tivesse crença,
Pulsa com a força indefinida, immensa,
Dos vagalhões no Mar.

8.

# DE JOELHOS

*A Maria da Gloria Penna.*

Ajoelha, ó minh'alma, abraçando o madeiro
Em que morreu Jesus, o teu celeste amigo!
A seus pés acharás o pouso derradeiro,
O derradeiro amparo, o derradeiro abrigo.

Ajoelha e soluça... A noite, mãi piedosa,
Te aperta contra o seio e te ensina a rezar...
Balbucia a oração, pequenina e formosa,
Das estrellas no Céo e das ondas no Mar.

Ajoelha e soluça, implorando a alegria
Que a saudade sem fim do coração te arranca,
E a graça de viver, como a Virgem Maria,
Eternamente pura, eternamente branca.

Ajoelha e repete a prece immaculada
Que aprendeste a rezar no tempo de creança;
Deixa a prece subir como uma aria encantada
Se evolando da terra ao paiz da Esperança.

Ajoelha e soluça... A duvida que importa?
Ninguem poderá rir ante uma dor tamanha...
Todos beijam a Cruz, toda a descrença é morta
Quando se chega ao pé da sagrada montanha.

De joelhos, minh'alma, ao pé do lenho santo
Em que soffre Jesus a derradeira pena!
Deixa cahir-lhe aos pés em gottas o teu pranto...
Que as enxugue no Céo a doce Magdalena!

Ajoelha e soluça, implorando a alegria
Que a saudade sem fim do coração te arranca,
E a graça de viver, como a Virgem Maria,
Eternamente pura, eternamente branca...

Serra da Raiz — 2 — 1898.

## SIMPLES

Eu amo as minhas lembranças,
Minhas soudades e dores,
Assim como amo as creanças,
Os passarinhos e as flores.

A creancinha que chora
E' como o lirio ao nascer:
Um raio de sol implora
Para que chegue a viver.

E o raio de sol que damos
A pobre creança é o beijo...
O labio que nós beijamos
Resôa como um harpejo.

O pequeno passarinho
Esmola tambem o amparo:
Ai! guardemos o seu ninho
Como o thesouro mais caro.

As flores — no vil degredo
Da terra — vivem um dia!
Vamos leval-as bem cedo
A doce Virgem Maria.

Terão assim melhor sorte
Quando forem a murchar...
As rosas querem a morte
Que as desfolha ao pé do altar.

Ai! tudo que é fraco e triste
Precisa de amparo e luz...
E nada no mundo existe
Tão triste como uma Cruz.

Por isso adoro as lembranças,
As amarguras e as dores,
Assim como amo as creanças,
As andorinhas e as flores.

## BEMDITA

⊠ ⊠

Bemdita sejas, minha mãe, bemdito
Seja o teu seio, immaculado e santo,
Onde derrama as gottas de seu pranto
Meu dolorido coração afflicto.

O' minha mãe, ó anjo sacrosanto,
Bemdito seja o teu amor, bemdito!
Ouve do Céo o amargurado grito
Cheio da dor de quem soluça tanto.

E deixa que repouse em teus joelhos
A minha fronte, ouvindo os teus conselhos
Longe do mundo, ó sempiterna dita!

Envia lá do Ceo no teu sorriso
A morte que levou-te ao Paraiso...
Bemdita sejas, minha mãe, bemdita!

Jardim — 1893.

## TRANÇA LOURA

A linda trança dourada
Que eu vi domingo a noitinha,
Guardava a maciez amada
Das pennas de uma andorinha.

Recordava uma esperança
Bordada com fios d'ouro...
O' doce e mimosa trança,
Meu raio de sol tão louro!

Ventura, sonho, alegria,
Tudo se resume ali...
Para tecer serviria
O ninho de um colibri.

Era já noite, e no emtanto,
A loura madeixa olhando,
Cuidei que cheio de encanto
O dia vinha raiando.

Deus fel-a n'uma redoma
De beijos, de luz, de amor,
E deu-lhe o sagrado aroma
Das madresilvas em flor.

Ah! sobre aquelles risonhos,
Dourados, macios folhos,
Quem dera embalar meus sonhos,
Quem dera cerrar meus olhos!

## CHORANDO

⊠ ⊠

*A' alma santa de minha mãe.*

Fazia noite... A tristeza
Tudo envolvia em seu véo;
Soluçava a Natureza,
Cahia orvalho do Céo.

E n'aquella noite assim,
Tão tenebrosa e tão fria!
A minha mãe se partia
Para o Céo azul sem fim.

Fallou-me a chorar: filhinha,
O vicio do mundo aterra...
Tu'alma reune a minha,
Fujamos ambas da terra.

Beijou-me... e, qual sonho doce,
Sua vida evaporou-se.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

O' mãe! porque me deixaste
No mundo sem teu amor?
Sou como o lirio sem haste
Murchando triste inda em flor.

Podias ter-me levado
Ao Céo comtigo, divina...
Iria em teu seio amado:
Eu era tão pequenina!

Fiquei sosinha e perdida,
O' mãe! no mundo de abrolhos...
Na noite de minha vida
Derrama a luz de teus olhos!

Quanta tristeza se encerra
Do mundo no escuro véo!
Não quero morar na terra;
Comtigo leva-me ao Céo!

Julho de 1897.

## AO SENHOR DO BOM FIM

✝ ✝

*A Joaquina Felismina da Conceição.*

Soffrer ou morrer!
SANTA THEREZA DE JESUS.

Amado Senhor,
Meu doce Jesus,
Que morres de amor
Suspenso da Cruz!

Em triste amargura,
Te vendo morrer,
Meu labio murmura :
Eu quero soffrer!

Soffrer tanto, tanto,
(Senhor, sem cessar!)
Que os olhos, de pranto
Se arrazem n'um mar.

Tu és meu amigo,
Meu sol, minha luz!
Reparte commigo
O peso da Cruz.

Bem vês quanto choro,
Tem pena de mim!
A Ti só adoro
Senhor do Bom Fim.

Serra da Raiz — 10 de Janeiro de 1898.

## ONDE VAI A LAGRIMA

✣ ✣

Na terra se chora tanto
Que se Deus guardasse o pranto
Que o mundo inteiro derrama,
Dos astros lá do Infinito
O choro do pobre afflicto
Podia apagar a chamma.

Mas todo o pranto que desce
Por nossa face, parece
Que Deus o transforma em prece...
E a prece, cheiroso incenso,
Nas azas do vento immenso
Se perde no azul dos Céos
Buscando o seio de Deus.

# VERSOS A' INAH

✣ ✣

## NA PROCISSÃO

Passaste rindo... E o teu perfil modesto,
Cheio de graça e cheio de innocencia,
A' doce luz daquelle riso honesto
Tinha de um sonho a doce transparencia.

Teus lindos olhos castos e sagrados,
Ingenuos como os olhos das creanças,
Pareciam dois ceus immaculados
Tão azues como as minhas esperanças.

Desmanchou-se-te a trança côr de ouro
Emquanto assim passavas rindo, rindo...
E eu murmurei, ó meu gentil thesouro,
Fitando os olhos nesse olhar tão lindo :

« O' tranças côr da alegria,
Olhar que um sorriso fez :
Olhos de Santa Luzia,
Cabellos de Santa Ignez!

Dourai, dourai meus abrolhos,
O' tranças que o vento leva...
Olhos ficai nos meus olhos
Que elles são feitos de treva.

Cabellos cheios de luz
Não fujam que eu vou chorar...
Ai! lindos olhos azues
Descansem no meu olhar.

* * *

Mas teus cabellos voaram
Teus olhos... não mais os vi :
Os olhos que me fitaram
As tranças por que morri...

O' tranças cor da alegria,
Dourai, dourai meus abrolhos...
Olhos que a graça alumia
Vinde morar nos meus olhos...

1 de Janeiro de 1898.

## FEFA

*A D. Ignez Maria de Almeida.*

Engraçada e pequenina
Eu imagino-a tão leve,
Como uma doce bonina,
Uma açucena de neve.

No rosto, claro e risonho,
Guarda a brancura de um véo;
Traz á mente um casto sonho,
Um sonho vindo do Céo.

Chamam-n'a Fefa. É tão bella
Como um sorriso sem fim,
Mimosa como uma estrella
E pura como um jasmim...

O nome não lhe vae bem,
Outro melhor lhe cabia :
A'quella nivea cecem
Deviam chamar Maria.

Parece do ceu. E' linda
Como um menino Jesus;
Não falla direito ainda
Mas beija sorrindo a Cruz.

A's vezes junta as mãosinhas
E finge que vae rezar...
Eu penso nas andorinhas :
Quando se põe a rezar
O labio das creancinhas
E' um'aza a palpitar.

* * *

Meus Deus! quanta luz se encerra
D'aquella vida no albor...
Protege, Jesus, na terra
O seio branco da flor.

A alma que tu lhe deste
Guarda-a, Senhor, do martyrio;
Derrama o orvalho celeste
No coração d'este lirio!

Serra da Raiz. — Fevereiro de 1898.

## NO JARDIM DAS OLIVEIRAS

✣ ✣

« Minh'alma é triste até a morte... » Doce,
Jesus fallou... E o Nazareno santo
Chorava, como se a su'alma fosse
Um mar immenso de amargura e pranto.

Depois, silencioso, elle afastou-se
E foi rezar no mais sombrio canto. »
Seu grande olhar formoso illuminou-se
Fitando o ethereo e estrellejado manto.

« Pae, tem piedade... » E sua voz plangente
Tremia, emquanto, pelas trevas mudas
Baixava manso o triste olhar dolente.

Pobre Jesus! Como n'um sonho via :
Em cada sombra a traição de Judas,
Em cada estrella os olhos de Maria!

Macahyba — 7 de Abril de 1898.

## CREANÇAS

❧ ❧

*A Antonia Araújo, companheira amada dos tempos do Collegio.*

Moro na rua da Ventura. Perto
Ha um ninho — é a aula das meninas;
Trazem-me sempre o coração desperto
Os risos dessas almas cristallinas.

Sinto-me alegre. Vivo sem saudade,
Sem desconforto, sem desesperanças.
Sou bem feliz na minha soledade
Ouvindo o pipilar d'essas creanças.

A's duas horas ergo-me da banca
Onde medito : vae fechar-se a eschola...
Que bem me faz esta algazarra franca
De aves gentis que voam da gaiola!

Gosto de vel-as quando saem rindo
Alegremente, as mansas andorinhas.
São doze ao todo. Que rebanho lindo
De innocentes e castas ovelhinhas!

Vem na frente a maior. Já quasi moça,
Olhos azues e fronte scismadora :
Uma açucena de exquisita louça,
De face côr de neve e trança loura.

E' seria e triste. Chama-se Laurita ;
Tem uma voz que me seduz e encanta:
Veste sempre de azul e é tão bonita
Com os seus ares de pequena santa!

Passa depois Sophia, uma creança
De olhar mais negro do que a noite escura.
Vive sempre a sorrir como a Esperança,
Vive sempre a cantar como a Ventura!

E aquella douda que lá vai correndo
Em risco de tombar nas pedras duras?
E' Lucia. A vida quer levar fazendo
Todos os dias essas travessuras.

Depois, Sara e Rebecca... Borboletas
Irmães no olhar, no rosto e nos vestidos;
São dois anjinhos de madeixas pretas,
Gemeos sorrisos, corações unidos!

Segue-as a linda e ingenua moreninha
De nome terno e encantador : Dolores,
Uma singela e pallida amiguinha
Que todas as manhãs guarda-me flores.

Hoje está triste. Nem me deu bom dia!
Deixou cahir as rosas pela estrada.
— Que é do teu canto, doce cotovia?
(Reparem ella como vae zangada!)

Desce em seguida a meiga Valentina,
Dez annos tem. Parece um Cherubim...
Uma açucena pallida e franzina,
Um encantado e pallido jasmim!

E a Innocencia? Vem chorando tanto!
Que te fizeram, minha sensitiva?
Quem foi que os olhos te innundou de pranto,
Quem te causou essa amargura viva?

Já sei : a mestra quiz ralhar comtigo,
E foi bem feito, colibri travesso!
Fiquei alegre com o teu castigo;
Porque não me dás beijos quando os peço?

Ouço chamar pelo meu nome... E' Santa,
Um diabrete muito engraçadinho...
— Soube a licção? — Não me responde, canta...
— Garça innocente voa para o ninho!

Puxando a trança de Lucilla, passa
Celeste, a loura; correm como doudas...
Porque é que tarda a pequenina Graça,
A mais mimosa e mais gentil de todas!

Eil-a! E' um anjo a divagar na terra,
Um beija-flor que prendem na gaiola...
Quanta candura o seu sorriso encerra,
Quanta innocencia d'esse olhar se évola!

Como eu a amo e que tristeza infinda,
Sinto nos dias em que não a vejo...
Ah! como adoro essa mãosinha linda,
Tão pequenina que parece um beijo!

E eu digo ao ver das creancinhas mansas
O bando alegre e luminoso e forte :
Vós sois no mundo claras esperanças,
Rosas da vida, embalsamando a morte!

O vosso olhar é como um livro aberto
Onde soletro as minhas alegrias...
Oasis santo n'um cruel deserto
Negro e sem fim de fundas agonias.

Em breve as ferias chegarão, e eu triste
Quantas semanas vou passar distante
De vosso olhar onde a Candura existe,
De vosso riso claro e hilariante!

E para não ficar tão só, tão louca,
Presa da Scisma ao doloroso enleio,
Dae-me as cantigas que levaes na bocca.
Dae-me as chimeras que guardaes no seio!

Pois já suspiro pela aurora mansa
Que ha de trazer com o sol do novo anno.
Para a voss'alma mais uma esperança,
Para a minh'alma mais um desengano.

Anjos da terra, flores animadas,
Aves do céo que a chilrear passaes...
Como vos quero, evocações amadas
Do meu passado que não volta mais!

Ah, quem me dera os sonhos perfumados
D'aquelle tempo de ideal fragrancia...
Cantae! cantae! ó rouxinoes sagrados,
Lembrae-me os dias da primeira infancia!

## PALAVRAS TRISTES

✦ ✦

*Ao Nenensinho.*

Quando eu deixar a terra, anjo innocente,
O' meu formoso lirio perfumado!
Reza por mim, de joelhos, docemente,
Postas as mãos no seio immaculado,
Quando eu deixar a terra, anjo innocente!

E's a estrella gentil das minhas noites,
Noites que mudas no mais claro dia.
Não tenho medo aos gelidos açoites
Da escuridão se a tua luz me guia,
O' estrella gentil das minhas noites!

Quando eu deixar a terra, dá-me flôres
Boiando á tona de um sorriso teu;
Que os risos das creanças são andôres
Onde os Anjos nos levam para o Céo...
Quando eu deixar a terra quero flores!

Flores e risos me tecendo o manto,
Manto celeste feito de esperança...
Quando eu d'aqui me for não quero pranto,
Só quero riso, preces de creança :
Flores e risos me tecendo um manto!

Anjo moreno de alma cor de lirio,
Mais branca do que a estrella da Alvorada...
Meu coração na hora do martyrio
Pede o consolo de uma prece amada,
Anjo moreno de azas cor do lirio!

Quando eu deixar a terra, anjo innocente,
O' meu formoso lirio perfumado!
Reza por mim, de joelhos, docemente,
Postas as mãos no seio immaculado
Quando eu deixar a terra. anjo innocente!

Serra da Raiz — Fevereiro de 1898.

# NATAL

*A's moças da Serra.*

E' meia noite... O sino alviçareiro,
Lá da Igrejinha branca pendurado,
Como n'um sonho mystico e fagueiro
Vem relembrar o tempo do Passado.

O' velho sino, ó bronze abençoado,
Na alegria e na magua companheiro!
Tu me recordas o sorrir primeiro
Do menino Jesus immaculado.

E emquanto escuto a tua voz dolente,
Meu ser que geme dolorosamente
Da desventura aos gelidos açoites...

Bebe em teus sons tanta alegria, tanta!
Sino que lembras uma noite santa,
Noite bemdita mais que as outras noites!

1898.

## MEU PAI

✢ ✢

*A' minha tia Maria Concordia de Souza.*

Veste de luto a minha pobre lyra
E canta a endeixa da saudade eterna;
Toda minh'alma, tremula, suspira
Cuidando ouvir a doce voz paterna.

Meu velho Pai! Ligeiro como um'ave
Cruzando os Céos á hora do sol posto,
Eu vi passar o teu perfil suave
Mas nem ao menos pude olhar teu rosto!

Então voltei-me para o grande Espaço
E perguntei a minha avó, sorrindo:
« Assim, ás pressas, sem levar-me ao braço,
Porque vae elle para o Azul fugindo!

Ella beijou-me a fronte docemente
E a sua voz em lagrimas ungida,
Disse baixinho, dolorosamente :
« Vai ver no Céo a tua mãe querida. »

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Eu espero por ti ha tantos annos,
O' mão piedosa que me abençoaste!
Todos os dias chegam desenganos
E ao lar deserto nunca mais voltaste!

15 de Janeiro de 1898.

## QUANDO EU MORRER

*A Julieta Mascarenhas.*

Quando eu morrer...
(Quem me dera
que fosse n'um dia assim,
n'um dia de primavera
cheirando a cravo e jasmim !)

... transformem meu coração
— sacrario azul de esperanças —
n'um pequenino caixão
para enterrar as creanças.

De meus olhos façam cirios,
de meu sorriso um altar,
— cheio de rosas e lirios
tão doce como o luar —;

e, guardem nelle, entre flôres,
longe, bem longe da terra,
a Virgem santa das Dôres
lá da Igrejinha da Serra.

D'aquelle sonho formoso
que minh'alma tanto adora,
façam o thurib'lo piedoso
que incense os pés da Senhora...

E as saudades orvalhadas,
— de meu amor triste enleio —
transformem nas sete espadas
de dôr que Ella tem no seio!...

Se d'este repouso santo
em que meu corpo adormece
vier perturbar o encanto
o choro de quem padece :
eu quero as gottas de pranto
todas mudadas em prece....

Prece que leve, cantando,
minh'alma ao celeste ninho,
como um passaro ruflando
as azas brancas de arminho.

## CONSOLO SUPREMO

✣ ✣

### A QUEM SOFFRE

« Bemaventurados os que choram
porque elles serão consolados. »

JESUS.

Os tristes dizem que a vida
E' feita de dissabores
E a alma verga abatida
Ao peso das grandes dores.

Não acredito que seja
Assim como dizem, não...
Ai daquelle que deseja
Viver sem uma illusão!

Se ha noites frias, escuras,
Tambem ha noites formosas;
Ha risos nas amarguras,
Entre espinhos nascem rosas.

E rosas tambem cobriram
O lenho santo da Cruz,
Quando os espinhos cingiram
A cabeça de Jesus.

Rosas do sangue adorado,
— Fonte de graça e de Fé —
Brotando do rosto amado
Do Filho de Nazareth.

* * *

O' alma triste, chorosa
Como uma dhalia no inverno,
Despe da magua trevosa
O negro cilicio eterno!

Emquanto vires estrellas
Do Céo no immenso sacrario.
Na terra flores singelas
E uma Cruz sobre o Calvario:

Emquanto, mansa, pousar
A Prece nos labios teus,
E souberes murmurar
Com as mãos unidas : meu Deus!

Não digas que á luz vieste
Para chorar e soffrer,
E como a plantinha agreste
Sonhar um dia e... morrer...

Não digas, pobre querida!
Mesmo se a dôr te magôa;
E' sempre feliz na vida
A alma que é pura e bôa.

## ETERNA DÔR

✣ ✣

Alma de meu amor, lirio celeste,
Sonho feito de um beijo e de um carinho,
Creatura gentil, pomba de arminho,
Arrulhando nas folhas de um cypreste,

O' minha mãe! Porque no mundo agreste,
Rôla formosa, abandonaste o ninho?
Se as roseiras do Céo não têm espinho
Quero ir comtigo, ó lirio meu celeste!

Ah! se soubesses como soffro, e tanto!
Leva-me á terra onde não corre o pranto,
Leva-me, santa, onde a ventura existe...

Aqui na vida—que tamanha maguà!—
O proprio olhar de Deus encheu-se d'agua...
O' minha mãe como este mundo é triste!

Utinga — Outubro de 1898.

## JESUS ! MARIA !

❧ ❧

*A Clotilde Sant' Iago*

Meu coração guarda escriptos
E canta em doce harmonia
Estes dous nomes bemditos :
  Jesus! Maria !

Se o dia nasce, e, na altura,
O Sol formoso irradia,
Minh'alma acorda e murmura :
  Jesus ! Maria!

Se a noite desce, e, tão brando
O Sonho azul me inebria,
Sempre adormeço cantando :
  Jesus ! Maria!

Da Illusão se o sopro lindo
Todo o meu ser extasia,
Alegre digo, sorrindo :
Jesus! Maria!

Meu coração quando pulsa,
Louco de dôr e agonia,
Ainda grito convulsa :
Jesus! Maria!

Jesus! Maria! Invocando
Em vós o sol que alumia,
Quero morrer soluçando :
Jesus! Maria!

27 de Julho de 1898.

## RIMAS

❦ ❦

•

*A uma menina que pedia para ler meus versos*

Queres meus versos? São tristes
Talvez te façam chorar...
O' santa, tu não resistes
A's nuvens de meu penar.

Foge do frio da dôr
Procura o sol do conforto
Ajoelha sobre o Thabôr
Não venhas rezar no Horto.

Teus olhos são lindos, lindos,
Como noites de verão;
Guardam sorrisos infindos
Não quero vel-os, ai! não...

Cheios de pranto, pousando
Sobre o meu verso dolente...
Têm pena do fulgor brando
De teu olhar innocente!

10.

O pranto é que apaga o brilho
Dos olhos de quem padece:
A' mãe quando perde um filho
No olhar o brilho fenece.

E tu, mimosa creança,
Pomba adorada e franzina,
Em cujo seio a Esperança
Canta a canção mais divina;

Porque procuras o espinho
Da dor que fere, atormenta,
Se o teu sorriso é um ninho
Que a graça eterna acalenta?

Da magua o triste segredo
Vens penetrar sem rebuço...
Ah! queres saber bem cedo
Quanto nos custa um soluço!

O' anjo! foge da dôr,
Procura o sol do conforto...
Ajoelha sobre o Thabôr,
Não venhas rezar no Horto.

## AO CAHIR DA NOITE

*A Maria Emilia Loureiro*

Não sei que paz immensa
Envolve a Natureza,
N'ess'hora de tristeza,
De dor e de pezar.
Minh'alma, rindo, pensa
Que a sombra é um grande véo
Que a Virgem traz do Céo
N'um raio de luar.

Eu junto as mãos, serena,
A murmurar contricta,
A saudação bemdita
Do Anjo do Senhor;
Emquanto a lua plena
No Azul, formosa e casta,
Um longo manto arrasta
De lurido esplendor.

Minhas saudades todas
Se vão mudando em astros...
A magua vae de rastros
Morrer na escuridão...
As amarguras doudas
Fogem como um lamento
Longe do Pensamento.
Longe do Coração.

E a Noite desce, desce
Como um sorriso doce,
Que em sonhos desfolhou-se
Na voz cheia de amor,
Da mãe que ensina a Prece
Ao filho pequenino,
De olhar meigo e divino
E labio aberto em flor.

Ah! como a Noite encanta!
Parece um Sanctuario,
Com o lindo alampadario
De estrellas que ella tem!
Recorda-me a luz santa,
Immaculada e pura,
Da grande noite escura
Do olhar de minha Mãe!

O' Noite embalsamada
De castas ambrosias ..
No mar das harmonias
Meu ser deixa boiar.
Afasta, ó Noite amada,
A duvida e o receio,
Embala-me na seio
E deixa-me sonhar!

## NOITES AMADAS

✣ ✣

O' noites claras de lua cheia!
Em vosso seio, noites chorosas,
Minh'alma canta como a sereia
Vive cantando n'um mar de rosas;

Noites queridas que Deus prateia
Com a luz dos sonhos das nebulosas,
O' noites claras de lua cheia,
Como eu vos amo, noites formosas!

Vós sois um rio de luz sagrada
Onde, sonhando, passa embalada
Minha Esperança, de maguas núa...

O' noites claras de lua plena
Que encheis a terra de paz serena,
Como eu vos amo, noites de lua!

Macahyba — Agosto de 1898.

## FLOR DO CAMPO

*A meu irmão Eloy.*

Moça ingenua e formosa,
O' doce filha do sertão agreste!
O teu olhar celeste
Tem o fulgor da Noite luminosa.

Guarda a mesma doçura.
O mesmo encanto feito de esperanças
Dos olhos das creanças,
Ninho de sonho e ninho de ternura.

A luz do Paraizo,
Quando a Alegria tua bocca enflora,
Resplende como a aurora
Na graça virginal de um teu sorriso.

E's innocente e bôa.
Como a Chimera que em teu seio canta
Tens a belleza santa
Da pomba amiga que no Espaço vôa.

Jamais alguem te disse
Que tens o rosto branco como o gelo,
A Noite no cabello
E o sorriso tão cheio de meiguice.

Por isso inda é mais bella
A tua fronte, candida e tranquilla
E o fogo que scintilla
No teu olhar é como o de uma estrella.

Angelica e suave,
E' tua voz que as almas adormece,
Um ciciar de prece,
Embalando a saudade de algum'ave.

Hoje tu'alma ignora
Toda a magia deste rosto puro;
Mas, olha, no futuro
Lembrar-te-ás do que não vês agora.

E então com que saudade
Recordarás esse passado morto
Em triste desconforto,
Chorando os sonhos da primeira edade!

O' lindo malmequer,
Anjo que vives a sonhar com Deus...
Põe os olhos nos meus
E ouve bem séria o que te vou dizer :

Um dia, talvez cedo,
Teu coração palpitará inquieto
E, transbordando affecto,
Ha de affagar um intimo segredo.

Para tu'alma honesta
O Céo inteiro, illuminado, ó flôr!
Com a luz de um puro amor
Ha de brilhar como uma Igreja em festa.

E assim, risonha e calma,
Conduzirá ao porto da alliança,
Na barca da Esperança,
Como um trophéo, o noivo de tu'alma.

E Deus ha de baixar
Sobre estas duas mãos que o padre estreita,
A benção mais perfeita,
O seu mais doce e mais divino olhar.

Feliz, muito feliz,
A tua vida correrá de manso
No placido remanso
De quem adora o Céo e o Céo bemdiz.

Depois, do Paraiso,
Jesus ha de enviar-te uma filhinha,
Formosa creancinha
Que embalarás cantando n'um sorriso.

E ella ha de ser bonita
E bôa como tú, anjo terrestre,
O' linda flor silvestre,
Minha singela e casta margarita!

E após annos e annos,
Quando ella ficar moça e no teu rosto
A sombra do sol posto
For desdobrando o manto dos enganos,

N'um dia de verão,
Sentado á porta, á hora do descanço
Sorrindo bem de manso
Ha de dizer, pegando-te na mão,

O velho esposo amigo :
— Repara como é linda a nossa filha!
Seu riso como brilha!
Eras assim quando casei comtigo.

E tu has de evocar,
Entre saudades tremulas e ais,
Aquelle tempo que não volta mais!

E no gracioso olhar
De tua filha os olhos mergulhando,
Deixarás a tu'alma ir fluctuando

Sobre a onda bemdita
Daquelle mar purissimo e dolente...

E então murmurarás saudosamente :
Ah! como fui bonita!

Alto da Saudade.

## NA PRIMEIRA PAGINA
## DA IMITAÇAO DE CRISTO

✝ ✝

Vinde a mim todos os que estaes fatigados e opprimidos, e eu vos consolarei.

IMIT. DE CHRISTO. L. IV. CAP. I

Quando meu pobre coração doente,
Cheio de maguas, desolado e afflicto,
Sinto bater descompassadamente,
Abro este livro então : leio e medito.

Leio e medito nesta voz celeste
Que vem de Além, qual mensageiro santo,
Trazer um ramo de oliveira agreste
Aos que navegam sobre o mar do pranto.

Meus pobres olhos sempre rasos d'agua,
Por um instante deixam de chorar;
E nas azas da Prece a minha magua
Vai-se um momento para além do Mar.

E d'entro d'alma, núa de esperança,
Eu penso ouvir como n'um sonho doce
Alguem que fala n'uma voz tão mansa
Como si o echo de um suspiro fosse :

« Vem a mim si padeces; no meu seio
Corre a fonte serena da Alegria...
Eu sou Aquelle que sorrindo veio
Dourar as trevas da Melancholia.

Eu sou um branco e pallido sorriso
Illuminando a tua solidão :
Faze de minha Cruz um Paraiso
E de meu Coração teu coração.

Faze-te humilde, humilde e pequenina,
Como as creanças, como os passarinhos...
Escuta e guarda a minha lei divina,
No sacrario ideal dos meus carinhos.

Não sabes quanto padeci no Horto,
Por ti, por teu amor, filha querida?
Eu sou o Anjo formoso do conforto,
Venho trazer o balsamo á ferida.

Carrega a tua Cruz e vem commigo
Pela estrada da Dôr e do Tormento.
Eu serei teu irmão, teu sol, o amigo
Que em lirios mudará o soffrimento.

Venho trazer a Paz... Longe da terra
A Paz habita... Ao pé do Santuario
O' minha filha, a doce paz se encerra
Dentro da Hostia, dentro do Sacrario.

Felizes os que soffrem e no meu seio
Recolhem suas queixas como preces;
Volta o pesar ao Céo de onde elle veio...
Feliz, ó sim! feliz tu que padeces! »

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E a mesma voz escuto, o mesmo canto,
De cada vez que o meu olhar ungido
Cae docemente n'este livro santo,
Lembrança amiga de um irmão querido.

Amo tanto o meu livro, elle é tão puro,
Consola tanto o coração afflicto!
Ah! desta vida no caminho escuro
Elle será meu talisman bemdito!

## A' ALMA DE MINHA MAE

✦ ✦

Partiu-se o fio branco e delicado
Dos sonhos de minh'alma desditosa...
E as contas do rosario assim quebrado
Cahiram como folhas de uma rosa.

Debalde eu as procuro lacrimosa,
Estas doces reliquias do Passado,
Para guardal-as na urna perfumosa
Do meu seio no cofre immaculado.

Ai! se eu ao menos uma só pudesse
D'estas contas achar que me fizesse
Lembrar um mundo de alegrias doudas...

Feliz seria... Mas minh'alma attenta
Em vão procura uma continha benta:
Quando partiste m'as levaste todas!

Natal — Março de 1895.

## GENTIL

❧ ❧

*A essa creancinha de olhos castanhos e sorriso claro, que eu vejo sempre á tarde, descalcinha e loura, sacudindo beijos...*

Como é gracioso e lindo o pequenino loiro
Que ás vezes, á tardinha, eu vejo docemente
Passar junto de mim como um sorriso de oiro,
Anjo que vem do Céo na luz do Sol poente.

Como é gracioso e lindo! Eu cuido ver um sonho,
— Um sonho côr da aurora e bello como o Mar —
Quando os olhos sem luz entristecidos ponho
Na pupilla gentil d'aquelle meigo olhar.

O seu cabello guarda a côr serena e doce
Da pallida estrellinha ao despontar do dia.
Talvez que um anjo diga, ao vel-o : « desmanchou-se
O louro resplendor do filho de Maria! »

E se elle entreabre, a rir, a bocca ingenua e pura,
Casta como da rosa o seio immaculado :
« Abrem-se, par em par, — meu coração murmura —
As portas de coral de um palacio encantado! »

Ah! como fico alegre e como canto ao vel-o!
Foge-me até do seio a sombra do Desgosto.
Inclino-me de leve e beijo-lhe o cabello
Emquanto o Sol se ajoelha e vem beijar-lhe o rosto...

O' lirio perfumado! O' manso cordeirinho
Que guardas a Chimera em teu sorriso em flor...
Vive feliz, ó santo, e que jamais o espinho
Da magua te atormente, ó pequenino amor!

Que o meu Verso te leve, açucena bemdita,
Nas azas de cristal, as brancas esperanças...
E o affecto sagrado e a ternura infinita
Que minh'alma consagra a todas as creanças!

Macahyba — Março de 1899.

## CLARISSE

* *

« Não sei o que é tristeza, » ella me disse...
E a sua bocca virginal sorria ;
Ninho de estrellas, concha de ambrosia
Cheia de rosas que do Céo cahisse !

E eu docemente murmurei : Clarisse,
Será possivel que tu'alma fria
Ouvindo o chôro da Melancolia
O resabio do fel nunca sentisse?

Será possivel que o teu seio, rosa,
Nunca embalasse a lagrima formosa?
Ah ! não és rosa, pois não tens espinho !

E os olhos teus, dois templos de Esperança,
Nunca viram soffrer uma creança,
Nunca viram morrer um passarinho !

## SAUDADE

*A ella, a Eugenia, a doce creatura que me chama irmã.*

Ah! se soubesses quanto soffro e quanto
Longe de ti meu coração padece!
Ah! se soubesses como dóe o pranto
Que eternamente de meus olhos desce!

Ah! se soubesses!... Não perguntarias
De onde é que vem esta sombria magua
Que traz-me o peito cheio de agonias
E os tristes olhos arrasados d'agua!

Querem que a lyra de meus versos cante
Mais esperança e menos amargura,
Que falle em noites de luar errante
E não invoque a pobre noite escura.

Mas... como posso eu levar sonhando
A vida inteira n'um anceio infindo,
Se choro mesmo quando estou cantando,
Se choro mesmo quando estou sorrindo!

Ouve, ó formosa e doce e immaculada,
Visão gentil de eterna phantasia :
Minh'alma é uma saudade desfolhada
De mãe querida sobre a cova fria.

Ah! minha Mãe! Pois tu não sabes, santa,
Que Ella partiu e me deixou no berço?
Desde esse dia a minha lyra canta
Toda a saudade que lhe inspira o verso!

Depois que Ella se foi a Magua veio
Encher-me o coração de luto e abrolhos.
Eu soffro tanto longe de seu seio,
Eu soffro tanto longe de seus olhos!

O' minha Eugenia! Estrella abençoada
Que illuminas o horror deste deserto...
De teu affecto a chamma consagrada
Lança á minh'alma como um pallio aberto.

Quando beijares teus filhinhos pensa
O que seria d'elles sem teus beijos;
E então comprehenderás a dor immensa,
A amargura cruel destes harpejos!

Junta as mãosinhas dos pequenos lirios,
Das creancinhas que tu'alma adora,
E ensina-os a resar sobre os martyrios
E a saüdade infinita de quem chora.

## SOLEDADE

O' doce morenita
De olhar magoado e triste,
Onde a Saudade existe
E o Desconsolo habita...

Faz pena ver-te assim
A' hora do sol posto,
Annuviado o rosto,
O' meigo seraphim!

As vezes penso e scismo
No que te faz soffrer.
E sinto que o meu ser
Quer desvendar um abysmo.

Porque soluça tanto
Um coração de pomba,
Se a noite amena tomba
Cheia de paz e encanto?

Porque teu cilio treme
Interrogando a lua?
Que grande dor é a tua?
Porque teu seio geme?

Acaso esta saudade
Que o teu olhar encerra
Será porque na terra
Chamam-te Soledade?

Será? Mas que lembrança
Foi essa, meu jasmim,
De dar um nome assim
A um'alma de creança?

A um'alma que é um sonho
Mais branco do que um véo,
Cahido lá do Céo
Neste paul medonho!

## RENASCIMENTO

✢ ✢

*A Olegaria Siqueira.*

Manhã de rosas. Lá no ethereo manto,
O Sol derrama lucidos fulgores,
E eu vou cantando pela estrada, em quanto
Riem creanças e desbrocham flores.

Quero viver! Ha quanto tempo, quanto
Não venho ouvir na selva os trovadores!
Quero sentir este consolo santo
De quem, voltando á vida, esquece as dores.

Ouves, minh'alma? Que prazer nos ninhos!
Como é suave a voz dos passarinhos
Neste tranquillo e placido deserto!

Ah! entre os risos da Natura em festa,
Entoa o hymno da alegria honesta
Canta o *Te Deum*, meu coração liberto!

## OSWALDO

**

*A D. Sinhá Medeiros.*

Oswaldo é um lirio. Nos olhitos francos
Conserva um mundo precioso e lindo;
Quando elle ri os seus dentinhos brancos
Lembram á gente um bugary abrindo.

E' um pequeno cherubim risonho;
E se bem longe, meu olhar o avista,
Não sei porque só me recordo em sonho
Do cordeirinho de São João Baptista.

A's vezes beijo-o delicadamente,
E o beijo canta sobre os olhos seus;
Emquanto eu scismo carinhosamente
Que beijo os olhos do menino Deus.

## OBRIGADA !

✢ ✢

*A Nininha Andrade.*

...E tu rezas por mim! Como agradeço
Essa esmola gentil de teu carinho...
Como as torturas de minh'alma esqueço
Nessa tua oração, floco de arminho!

Eu te bemdigo, ó santa que estremeço,
Alma tão pura como a flor do linho.
E' tua prece á magua que padeço
Aza de pomba defendendo um ninho!

Reza, creança! Junta as mãos nevadas
E cerra as niveas palpebras amadas
Sobre os teus olhos como um lindo véo...

Depois, nas azas de uma prece ardente,
Deixa cantar minh'alma docemente,
Deixa subir meu coração ao Céo!

Alto da Saudade. — 21 de Maio de 1899.

# AO PÉ DE UM BERÇO

✣ ✣

*A Leopoldina Monteiro.*

(*Pensei em ti, Leopoldina, escrevendo estes versos; quero que os cantes embalando o teu Milton.*)

Dorme, dorme, pequenino
Encanto de meu amor;
Que o somno doce e divino
Cerre-te as folhas, ó flor!

Fecha os olhos, meu filhinho;
E pede ao somno que leve
Ao Céo, em faixas de linho,
Tu'alma da cor da neve.

Mas não demores, meu filho,
Volta nas azas do amor,
Traz a meus olhos o brilho,
Traz a meu seio o calor.

Meu coração é um ramo
Onde teci o teu ninho;
Dorme nelle, gaturamo,
O' sonho branco de arminho!

Dorme, dorme; de mansinho
Vou te embalando a cantar...
Esconde as azas no ninho,
Não quero ouvir-te chorar.

Fecha os olhos docemente
E vôa longe da terra,
Dorme o teu somno innocente,
O' nivea pomba da serra!

Dorme, santinho, as estrellas
Virão cobrir-te com um véo;
Não chores se queres vel-as
Fazer de teu berço um céo.

Foge da noite aos abrolhos
Neste celeste abandono;
Eu guardo um sonho nos olhos
Para dourar o teu somno.

Olha, meu santo, Jesus,
Que tanto amava os meninos,
Vela sorrindo da Cruz
O somno dos pequeninos.

E a Mãe do Céo, nos espaços
Deixando de luz um trilho,
Traz o filhinho nos braços
Para beijar-te, meu filho!

Recebe o carinho amigo
E pede ao rei do Universo
Que fique a sonhar comtigo,
Dormindo no mesmo berço.

As duas mães, n'um sorriso,
Sobre o ninho velarão...
E eu direi ao Paraiso,
Baixinho no coração :

Qual dos dois mais luz encerra,
Envoltos no mesmo véo :
O filho da mãe da terra?
O filho da mãe do Céo?

Dorme, bonina nevada,
Emquanto eu velo a cantar;
Guia-me á patria adorada,
O' doce estrella do Mar!

Dorme e não chores, creança !
A Lua do Céo sorri —
Na vida sem esperança
Eu hei de chorar por ti.

## PAGINA AZUL

✣ ✣

*A Zulmira Rosa*

No paiz de minh'alma ha um rio sem maguas,
Um rio cheio de ouro e de tanta harmonia,
Que se cuida escutar no marulhar das aguas
Do sussurro de um beijo a doce melodia.

Este rio é o meu sonho, um sonho azul e puro,
Como um canto do Céo, como um braço do Mar;
Loira restea de sol a rebrilhar no escuro,
Casta luz que scintilla em torno de um altar.

De um altar que palpita e que soffre e que sonha,
Soletrando a cantar a linguagem do Amor...
Do altar do Coração, a paisagem risonha
Onde brotam sorrindo as illusões em flor.

Vem beber, meu amor, neste rio que é fonte,
E fonte de esperança e lago de chimera...
Vem morar n'um paiz que não tem horizonte
Onde não chora o Inverno e só ha Primavera.

## NOITE CRUEL

❦ ❦

*A meu irmão Henrique*

Morrer... morrer... morrer... Fechar na terra os olhos
A tudo o que se ama, a tudo o que se adora;
E nunca mais ouvir a musica sonora
Da Illusão a cantar da vida nos recolhos...

Sentir o coração ferir-se nos escolhos
De tormentoso mar, — pobre vaga que chora! —
E no arranco final da derradeira hora,
Soluçando morrer n'um oceano de abrolhos.

Nem ao menos beijar — ó supremo desgosto! —
A mão doce e fiel que nos enxuga o rosto
Mostrando-nos o Céo suspenso de uma Cruz...

E perguntar a Deus na agonia e nas trevas :
Onde fica, Senhor, a terra a que nos levas,
Com as mãos postas no seio e os dous olhos sem luz?

Alto da Saudade.

## ADEUS, GENTIL!

❧ ❧

*A Olindina Medeiros.*

Que manhã feia e escura aquella em que partiste!
Recordas-te, Gentil? O Céo estava triste,
Sem um raio de sol, nevoento, sombrio,
Bem como um coração amargurado e frio...

Um sorriso divino inundava-te o rosto
De innocencia e de luz... e eu sentia o Desgosto
Ferir-me o seio, emquanto, a beijar-te, chorando
Meu labio estremecia um adeus murmurando.

Ah! dentro de minh'alma, assim como n'um mar,
O batel da Saudade, a boiar, a boiar,
Parecia attrahir-me á ventura e á Alegria
Para o abysmo cruel onde mora a Agonia.

Pequenino como és, não sabes comprehender
A magua que allucina e que faz padecer
Ao pobre coração pela angustia ferido
Ao ver sumir-se longe um rosto estremecido.

Hostia loura e formosa, ó meu sonho dourado!
Açucena do Céo, archanjo immaculado
Que as azas virginaes desdobras sobre a terra...
Longe de ti eu choro, assim como na serra,
A doce jurity que soluça e padece,
Quando o Sol vai morrendo e quando a Noite desce.

Adeus, meu colibri! adeus, minha saudade!
Creancinha que eu amo, ó flor de castidade!
Mimoso lirio puro, innocente e gracil,
Camelia desbrochada ao sol do mez de Abril!

Adeus! Adeus! Adeus!
Sacode as azas puras,
O' lindo sonho branco! e lança ás amarguras
De minha vida triste o pó de oiro sagrado,
Que ellas deixam cahir do sacrario estrellado
Que tens na cabecinha esplendida e divina,
O' creança formosa, ó alma cristallina!

Alto da Saudade — 14 de Maio de 1899.

## MANHA NO CAMPO

✢ ✢

*A Maria Nunes*

Estendo os olhos pelo prado afóra :
Verdura e flores é o que a vista alcança...
— Bemdito oasis onde o olhar descança
Quando saudades do Passado chora. —

Escuto ao longe uma canção sonora.
Voz de mulher ou antes de creança
Entôa o hymno branco da Esperança,
Hymno das aves ao nascer da Aurora.

Por toda parte risos e fulgores
E a Natureza desbrochando em flores
Illuminada pelo Sol risonho,

Recorda um'alma diluida em prece,
Um coração feliz que inda estremece
A' luz sagrada do primeiro sonho!

## POMBOS MENSAGEIROS

✣ ✣

*A Amelia Moura*

Foi hontem, minha santa,
A' hora do sol posto :

(Quanta saudade, quanta,
Chorava no meu rosto !)

Transformados em pombos côr de neve,
Entraram-me a cantar pela janella,
A tua carta delicada e leve
E o beijo amigo que envolveste nella.

O' que alegria para o coração
Onde a Saudade, sempre em flor, renasce!
A carta leve me pousou na mão
E o beijo amigo acarinhou-me a face.

E então, a rir, ó pomba idolatrada!
Eu transformei meu coração em ninho :
N'elle repousa a tua carta amada
E canta o beijo a aria do carinho.

Alto da Saudade 31 — 5 — 1899.

## SYLVIO

*A D. Emilia Coelho Ribeiro*

O' mães que tendes filhos, mães piedosas !
Quando elles morrerém crancinhas,
Enfeitai-lhes o caixão de brancas rosas ;
Deixai, deixai voar as andorinhas
Em busca das paragens luminosas !

GUERRA JUNQUEIRO.

Sylvio morreu. Docemente.
Su'alma se foi, voando
Como uma pomba dolente
Que deixa a terra cantando.

« Não murches, folha de rosa!
Espera que chegue o inverno...
Cançaste, rôla formosa?
Pousa no seio materno. »

Mas Sylvio voou sorrindo
A' patria que a gloria encerra..
Era um anjo meigo e lindo
E os anjos não são da terra.

Nossa Senhora é que os leva
Aqui do mundo mesquinho;
Quer vel-os, longe da treva
Brincando com o seu filhinho.

Quando se vai n'um sorriso
Uma creança adorada,
Ao chegar ao Paraiso,
Diz uma lenda encantada,

Jesus lhe entrega, risonho,
Para a salvar do martyrio,
Duas azas da côr do Sonho
E um pequenino cirio.

Mas se a mãe padece tanto
Na terra, sempre chorando,
Molham-se as azas de pranto
E o cirio vai-se apagando.

Então o pobre do anjinho
Já não procura brincar,
Soluça a um canto sosinho
Porque não pode voar.

E, se o cirio, doce e puro,
Pouco a pouco perde a luz,
Como pode elle no escuro
Ver o menino Jesus?

Pobre mãe! não chores tanto
O filho do coração...
Vás apagar com teu pranto
A vela que tem na mão.

Depois ouvirás clamar,
Do Céo entre as niveas gazas :
O' mãe, não posso voar
Teu pranto molha-me as azas !

## MINH'ALMA E O VERSO

❦ ❦

Não me olhes mais assim... Eu fico triste
Quando a fitar-me o teu olhar persiste
Choroso e supplicante...
Já não possuo a crença que conforta.
Vai bater, meu amigo, a uma outra porta
Em terra mais distante.

Cuidavas que era amor o que eu sentia
Quando meus olhos, loucos de alegria,
Sem nuvem de desgosto,
Cheios de luz e cheios de esperança
N'uma caricia ingenuamente mansa
Pousavam no teu rosto?

Cuidavas que era amor? Ah! se assim fosse!
Se eu conhecesse esta palavra doce,
Este queixume amado!
Talvez minh'alma mesmo a ti voasse
E n'um berço de flor ella embalasse
Um riso abençoado.

Mas não, escuta bem : eu não te amava.
Minha alma era, como agora, escrava...
Meu sonho é tão diverso !
Tenho alguem a quem amo mais que a vida,
Deus abençoa esta paixão querida :
Eu sou noiva do Verso.

E foi assim... N'um dia muito frio.
Achei meu seio de illusões vasio
E o coração chorando...
Era o meu ideal que se ia embora,
E eu soluçava, emquanto alguem lá fora
Baixinho ia cantando :

« Eu sou o orvalho sagrado
Que dá vida e alento ás flores,
Eu sou o balsamo amado
Que sara todas as dores.

Eu sou o pequeno cofre
Que guarda os risos da Aurora,
Perto de mim ninguem soffre,
Perto de mim ninguem chora.

Todos os dias bem cedo
Eu saio a procurar lirios,
Para enfeitar em segredo
A negra cruz dos martyrios.

Vem para mim, alma triste
Que soluças de agonia;
No meu seio o Amor existe,
Eu sou filho da Poesia. »

Meu coração despiu toda amargura
Embalado na mystica doçura
Da voz que resoava...
Presa do Amor na delirante calma
Eu fui abrir as portas de minh'alma
Ao Verso que passava...

Desde esse dia nunca mais deixei-o;
Elle vive cantando no meu seio
N'uma algazarra louca!
Que seria de mim se elle fugisse,
Que seria de mim se não ouvisse
A voz de sua bocca!

Não posso dar-te amor, bem vês. Meus sonhos
São da Poesia os ideaes risonhos,
Em lago de ouro immersos...
Não sabias dourar os meus abrolhos
E eu procurava apenas nos teus olhos
Assumpto para versos.

## NEVER MORE

✢ ✢

*A uma falsa amiga*

I

Não te perdôo, não meus tristes olhos
Não mais hei de fitar nos teus, sorrindo;
Jamais minh'alma sobre um mar de escolhos
Ha de chamar por ti no anceio infindo.

Jamais, jamais, nos delicados folhos
Do Coração como n'um ramo lindo,
Ha de cantar teu nome entre os abrolhos
A aria gentil de meu sonhar já findo.

Não te perdôo, não! E em tardes claras,
Cheias de sonhos e delicias raras,
Quando eu passar á hora do Sol posto:

Não rias para mim que soffro e penso,
Deixa-me só neste deserto immenso...
Ah! se eu pudesse nunca ver teu rosto!

## II

Ah! se eu pudesse nunca ver teu rosto!
E nem se quer o som de tua fala
Ouvir de manso á hora do Sol posto
Quando a Tristeza já do Céo resvala!

Talvez assim o funebre desgosto
Que eternamente a alma me avassala
Se transformasse n'um luar de Agosto
Sonho perenne que a Ventura embala.

Talvez o riso me voltasse á bocca
E se extinguisse essa amargura louca
De tanta dor que a minha vida junca...

E então os dias de prazer voltassem
E nunca mais os olhos meus chorassem...
Ah! se seu pudesse nunca ver-te, nunca!

## HORA DE PAZ

✣ ✣

Como é feliz a hora do descanço!
Quando sinto os meus olhos, manso e manso,
Morrendo para a luz...
Todas as dores da Saudade esqueço,
Junto as mãos sobre o seio e adormeço
Sorrindo para a Cruz...

## ORAÇÃO DA NOITE

❧ ❧

Ajoelhada, ó meu Deus, e as duas mãos unidas
Olhos fitos na Cruz imploro a tua graça...
Esconde-me, Jesus! da treva que esvoaça
Na tristeza e no horror das noites mal dormidas.

Maria! Virgem mãe das almas compungidas,
Sorriso no prazer, conforto na desgraça...
Recolhe essa oração que nos meus labios passa
Em palavras de fé no teu amor ungidas.

Anjo de minha guarda, ó doce companheiro!
Tu que levas do berço ao porto derradeiro
O lurido batel de meu sonhar sem fim,

Dá-me o somno que traz o balsamo ao tormento,
Afoga o coração no mar do esquecimento....
Abre as azas, meu anjo, e estende-as sobre mim.

Macahyba. — 3 de abril de 1899.

## PENNAS DE GARÇA

*Versos do povo*

I

Responde-me, ó jurity,
Ao que te vou perguntar :
Porque é que o Dia sorri
E a Noite vive a chorar ?

II

Não sabes ? N'um sonho brando
O Dia ri quando quer ;
E a Noite vive chorando
Somente porque é mulher.

III

Quando eu nasci, no telhado,
Uma coruja cantou...
Dizia a chorar : coitado !
Um anjo do Céo voou.

IV

Das noites de minha terra
Douradas pelo luar,
Nenhuma dellas encerra
A graça de teu olhar.

V

Meus sonhos andam no mundo
Em cantos negros dispersos...
São ondas de um mar profundo...
Ai! triste de quem faz versos!

VI

Nas noites de lua eu canto
Para esquecer-me de ti.
Minh'alma soluçou tanto
Que o pranto já aborreci.

VII

Fazem dous dias que penso
N'uns olhos que vi chorar...
Quem me dera ver meu lenço
Aquelle pranto enxugar!

## VIII

O' moça dos olhos puros,
Tão tristes que causam dor...
Teus olhos são mais escuros
Que os olhos do meu amor.

## IX

Meu peito é triste, isolado,
Vasio, nú de esperanças,
Como um ninho abandonado,
Uma casa sem creanças.

## X

Se eu fosse rapaz, pequena,
E me casasse algum dia,
Só amava uma morena
Que se chamasse Maria.

## XI

O nome traz alegrias
Sem uma gotta de fel,
O coração das Marias
E' todo cheio de mel.

XII

« Mentira » — alguem me dizia —
O nome engana tambem ;
Eu conheço uma Maria
Que não quer bem a ninguem.

XIII

Emtanto, ella é linda e bôa
A dona dos sonhos meus...
« Mas deixa-me ir só, á tôa,
Por este mundo de Deus. »

XIV

Mulher é coisa ruim,
Dizias esta manhã...
Só pode fallar assim
Quem não tem mãe nem irmã.

XV

De que me serve falar
Dos homens com ditos vãos,
Se eu vivo para adorar
Os olhos de meus irmãos?

## XVI

Lá vai uma mãi em prantos
Atraz da filha querida...
Ah! ella não sabe quantos
Desgostos lhe guarda a vida!

## XVII

Morrer pequenina ainda,
Levando as azas de um véo,
Não vale mais que ser linda
Como as estrellas do Céo?

## XVIII

Brancos estão meus cabellos...
O' Dor, onde é que me levas?
Ai! noites de pesadelos,
Ai! dias cheios de trevas!

## XIX

Nas noites de lua cheia
O Céo parece sonhar...
A Lua é como a sereia
Boiando dentro do Mar.

XX

Eu quero bem as creanças
Porque não sabem mentir;
São pombas lindas e mansas,
Passam na vida a sorrir.

XXI

Quando eu morrer quero um manto
Como o de Nossa Senhora,
Que seja feito do pranto
Do Céo quando nasce a aurora.

XXII

Eu só adoro na terra
Da creancinha o sorriso,
Uma casinha na Serra
E um ninho no Paraiso.

XXIII

Repousa lá minha fronte
Despindo da Magua o véo;
Quem mora em cima do monte
Está mais perto do Céo.

## XXIV

Quem dera que eu fosse lirio,
O' minha Virgem Maria!
Ao menos este martyrio
Durava somente um dia.

## XXV

Quando eu morrer vou assim:
Sustendo meu coração...
Saudade da terra? Sim!
Saudade da vida? Não!

Setembro de 1899.

## TUDO PASSA

✢ ✢

### I

Aquella moça graciosa e bella
Que passa sempre de vestido escuro,
E traz nos labios um sorriso puro,
Triste e formoso como os olhos della...

Diz que su'alma timida e singela
Já não tem coração: que o mundo impuro
Para sempre o matou... e o seu futuro
Foi-se n'um sonho, desmaiada estrella.

Ella não sabe que o desgosto passa
Nem que do orvalho a abençoada graça
Faz reviver a planta que emmurchece.

Flavia ! nas almas juvenis, formosas,
Berço sagrado de jasmins e rosas,
O coração não morre : elle adormece...

## II

O coração não morre: elle adormece...
E antes morresse o coração trahido,
Mulher que choras teu amor perdido,
Amor primeiro que não mais se esquece!

Quando tu vaes rezar, quando anoitece,
Beijas as contas do collar partido;
E o coração n'um tremulo gemido
Vem perturbar a paz de tua prece.

Reza baixinho, ó noiva desolada!
E quando, á tarde, pela mesma estrada
Chorando fores esse immenso amor...

Geme de manso, jurity dolente!
Vaes acordar o coração doente...
Não o despertes para nova dor.

## AO PÉ DO TUMULO

*Aos meus*

Eis o descanço eterno, o doce abrigo
Das almas tristes e despedaçadas;
Eis o repouso emfim; e o somno amigo
Já vem cerrar-me as palpebras cançadas.

Amarguras da terra! eu me desligo
Para sempre de vós... Almas amadas
Que soluçaes por mim, eu vos bemdigo,
O' almas de minh'alma abençoadas.

Quando eu d'aqui me fôr, anjos da guarda,
Quando vier a morte que não tarda
Roubar-me a vida para nunca mais...

Em pranto escrevam sobre a minha lousa;
« Longe da magua, emfim, no Céo repousa
Quem soffreu muito e quem amou de mais »

## REGINA MARTYRUM

Lirio do Céo, sagrada creatura,
Mãe das creanças e dos peccadores,
Alma divina como a luz e as flores
Das virgens castas a mais casta e pura;

Do Azul immenso, d'essa immensa altura
Para onde voam nossas grandes dores,
Desce os teus olhos cheios de fulgores
Sobre os meus olhos cheios de amargura!

Na dor sem termo pela negra estrada
Vou caminhando a sós, desatinada,
— Ai! pobre cega sem amparo ou guia! —

Sê tu a mão que me conduza ao porto...
O' doce mãe da luz e do conforto,
Illumina o terror d'esta agonia!

## MIMO DE ANNOS

*A' pequenita Maurina Gomes.*

Pensei ao acordar:
Faz annos Sinhasinha,
A' minha afilhadinha
Que mimo posso dar?

E, d'alma nos refolhos,
Alguem disse-me então:
Leva-lhe o coração
E a benção de teus olhos.

E logo, ó flor celeste!
Corri a abençoar-te...
Mas, antes de abraçar-te,
A minha mão vieste

Beijar tão docemente,
Com tão gentil carinho,
Como o de um pobresinho
Beijando a mão clemente

D'aquelle que o consola
Lançando-lhe no seio,
Cheio de humilde enleio,
A pequenina esmola!

E eu scismo então com pejo:
Benção e coração
Acaso valerão
O mimo desse beijo?

Um beijo de creança
Cahindo em minhas dores
E' como o Sol nas flores:
O pallio da esperança.

E emquanto, ó lirio, vôa
A ti meu coração,
Beijando a minha mão
E's tu quem me abençoa...

. . . . . . . . . . . . . . . .

O' doce innocentinha,
Guarda a sonhar, comtigo,
O coração amigo
E a benção da madrinha.

26, Agosto de 1899.

## LAGRIMAS

❧ ❧

*A meu irmão João Cancio*

Eu não sei o que tenho... Essa tristeza
Que um sorriso de amor nem mesmo aclara,
Parece vir de alguma fonte amara
Ou de um rio de dor na correnteza.

Minh'alma triste na agonia presa,
Não comprehende esta ventura clara,
Essa harmonia maviosa e rara
Que ouve cantar alem, pela deveza.

Eu não sei o que tenho... Esse martyrio,
Essa saudade rôxa como um lirio,
Pranto sem fim que dos meus olhos corre,

Ai, deve ser o tragico tormento,
O estertor prolongado, lento, lento,
Do ultimo adeus de um coração que morre...

## FALANDO AO CORAÇÃO

*A' Generosa Pinheiro*

Desperta coração! vamos morar
N'uma casinha branca, ao pé do Mar...
Que seja linda como é linda a Lua
Que em noites santas pelo Azul fluctua;
Immaculada como a luz do Amor,
Alva de neve como um sonho em flor.

Quando a Noite vier... si, no meu seio,
Estremeceres cheio de receio,
— Temendo a sombra que amortalha o Dia
E cobre a Terra de melancholia, —
Longe do mundo e da desesperança
Hei de embalar-te como uma creança.

Quero que escutes o gemer profundo
Do Mar que chora a pequenez do mundo
E ouças cantar a doce barcarola
Da noite immensa que se desenrola,
Dando perfume ao coração dos lirios,
Trazendo sonhos para os meus martyrios.

E quando o Sol nascer; quando, formosa
Como uma garça branca e mysteriosa,
Batendo as azas côr de neve, a Aurora
Vier cantando pelo mundo afóra,
Rufla as azas tambem... e forte, então.
Tu podes palpitar, meu coração!

Acorda para a Vida e canta e canta,
O Sol da Terra — illuminada e santa!
Deixa o teu sonho de saudade e dores
Dormir no seio tremulo das flores...
E foge e foge pelo Espaço, a tôa,
Pomba exilada que a seus lares vôa!

Esquece a louca e pallida amargura
Que ha tantos annos meu viver tortura...
Canta o teu hymno de illusão querida,
Esquece tudo o que não seja a Vida,
E, para o Céo das alegrias mansas,
Conduz nas azas minhas esperanças...

Não vês? Minh'alma é como a penna branca
Que o vento amigo da poeira arranca
E vai com ella assim, de ramo em ramo,
Para um ninho gentil de gaturamo...
Leva-me, ó coração, como esta penna
De dor em dor até a paz serena.

Desperta, coração, vamos morar
N'uma casinha branca, ao pé do Mar...
Quero que escutes, a sonhar commigo,
A queixa eterna do Oceano amigo
E ouças o canto triumphal da Aurora
Batendo as azas pelo Mar afóra...

Barro Vermelho.

# INEDITOS

❦ ❦

*OS PRIMEIROS VERSOS*

# SAUDAÇÃO

❦ ❦

*A meu irmão Henrique, no dia de seus annos.*

E' chegado emfim o dia
Das harmonias do lar,
Nos rostos vê-se a alegria
De corações a saltar.
Nos labios meigo sorriso,
Vindo lá do Paraiso
Em effluvios divinaes;
Como nuvens perfumosas
Derramando sobre as rosas
Os orvalhos matinaes.

Não vês, meu irmão, que festa
Que saudosa embriaguez
Nos mandam lá da floresta
As flores por sua vez?
Parece que a natureza
Ostenta com mais belleza
As suas graças gentis...

E comnosco vem contente
Trazer-te um lindo presente
Nestes perfumes subtis.

Não ouves os periquitos
Que povoam nosso lar?
Com esses alegres gritos
Querem tambem te saudar.
E os travessos passarinhos,
Como encantados anjinhos.
A sorrir lá n'amplidão,
Vêm n'uns adejos divinos,
Nos biquinhos purpurinos
Sustendo meu coração.

Accita-o... E' feito de rosas,
De margaridas, jasmins;
As suas fibras mimosas
São bellas como rubins.
Recebe, pois, com carinhos
Nas azas dos passarinhos
Que cantam nesta manhã,
Como uma sincera humilia
As saudações da familia
E os beijos de tua irmã...

15 de Março de 1893.

## MEU PAE

*A Eloy.*

Desce, meu pae, a noite baixou mansa.
Nem uma nuvem se vê mais no ceu :
Aninharam-se aqui no peito meu
Onde, chorando, a negra dor descansa.

Quando morreste eu era bem creança,
Balbuciava, sim, o nome teu,
Mas deste rosto santo que morreu
Já não conservo a minima lembrança.

A noite é clara; e eu, aqui sentada,
Tenho medo da lua embalsamada,
Corta-me o frio a alma commovida.

Se lá no ceu teu coração padece
Vem commigo rezar a mesma prece :
Tua benção, meu pae, me dará vida !

## OS CANARIOS

*Elles eram dous mansos passarinhos.*

Queriam-se na paz indefinida
Das almas que são puras.
Cheios de amor, de luz e de carinhos
Elles passavam docemente a vida
Isentos de amarguras.
Então sorriam, sem pensar que a morte
Inda podia lhes mudar a sorte.
E sempre elles cantavam
Se no espaço adejavam!

Ao despontar da aurora
Chalravam, procurando estrada afora
O alimento do dia.
Saltando de alegria
Assim voltavam conversando a medo
E pousavam, alegremente, rindo,
Nos ramos do arvoredo.

Eu quizera saber o seu segredo,
Devia ser tão lindo!
Depois, ruflando as azas amarellas,
Iam embora... E eu, triste e sosinha,
Olhava para as bellas
Ramagens, onde elles mansamente
Pousavam á tardinha.

A viração, gemendo docemente,
Vinha beijar as avesinhas puras.

Terminaram, porém, tantas venturas:
Morreu um passarinho,
Ficou deserto o ninho!

O outro partiu... Não sei onde foi ter;
Talvez bem longe para então morrer
Em triste soledade.
E o meu olhar dorido
Seguiu a ave, pelo pavor ferido.
Ficava uma saudade!

E murmurei commigo entristecida:
O' aza aventureira!
Levas toda a paixão de minha vida,
Levas minh'alma inteira!

Desde então vivo triste. As vezes penso
Neste soffrer indefinido, immenso
D'um pobre coração
Que nas azas do tempo vê voar,
A chorar,
A ultima illusão...

1893.

## ADEUS !

« Espera, eu voltarei. » Elle dizia.
(Quanto era triste o seu olhar tão doce!)
Chorosa e terna a falla lhe tremia
Como se a corda de algum' harpa fosse.

E ella, a pallida noiva estremecida,
Fitou no amado os grandes olhos seus,
E murmurou, baixinho e commovida,
Quasi a chorar e muito a medo : Adeus!

1894.

## IRINEO

Num dia turvo assim foi que partiste
Cheio de dor e de tristeza cheio.
Eu fiquei a chorar num doudo anceio
Olhando o espaço merencorio, triste.

Não sei se magua mais profunda existe
Que esta saudade que me opprime o seio,
Pois a amargura que ferir-me veio
Naquelle dia, ó meu irmão! persiste.

Os annos que se foram! Emtanto eu scismo
A todo o instante, no profundo abysmo
Que veio a morte entre nós dous abrir.

Mas cada noute, n'aza de uma prece,
Ou num raio de sol quando amanhece,
Vejo tu' alma para o ceu subir...

## FELIZ

✦ ✦

Dizes-me que a ventura te foi dada
E contente tu'alma jamais chora :
Vives sorrindo á luz de uma alvorada
E a noite para ti é cor da aurora...

Não creio nessa dita, me perdoa.
Ninguem na terra pode ser feliz.
Até o sino que na torre sòa
Tem sua dor, nem sempre elle bemdiz.

Longe... distante... Pelo azul chalrando,
A modular uns hymnos tão suaves,
Passaros meigos lá se vão cantando...
Mas tu crês na ventura dessas aves?

Repara bem naquella que ficou
Pousada lá no cimo da aròeira :
Ella chora, coitada, pois deixou
Muito longe perdida a companheira.

Aves da terra, em timidos adejos,
Tambem alegres como as rolas mansas,
Rostos corados, rescendendo beijos,
Correm cantando grupos de creanças.

E emquanto passa, em revoada louca,
Esse dourado batalhão de arcanjos,
Eu quero ouvir-te da risonha bocca
Se é eterna a ventura desses anjos.

A moça tambem soffre... Um aureo cofre
Guarda-lhe os prantos e o martyrio duro,
E, de todas, aquella que mais soffre
E' a que tem o coração mais puro.

Jardim — 1893.

# ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS

✿ ✿

Jesus sorri. Que ternura,
Que doce favo de luz
Vejo brilhar na candura
De seus dous olhos azues!

Chegam os Magos. De joelho
Cheios de uncção e de amor,
Beijam o pesinho vermelho
Do pequenino Senhor.

Trazem-lhe mesmo um thesouro
Lembrando gloria e tormento :
Caçoilas de incenso e ouro
E a myrra do soffrimento

O' Rei do Grande Oriente
Porque lembrastes então
A' mãe do louro innocente
A dor sem fim da Paixão?

Não vedes que a Virgem chora
Olhando a myrra cruel?
E' que ella se lembra agora
Da esponja embebida em fel.

Talvez não visseis o lindo
Bando gentil de pastores
Que o rodearam sorrindo
Mas só lhe trouxeram flores!

# AGNUS DEI

❦ ❦

> Encore un hymne, ô ma lyre !
> Un hymne pour le Seigneur !
> Un hymne dans mon délire,
> Un hymne dans mon bonheur !
>
> LAMARTINE

Viens vite, ô doux Jesus, habiter dans mon âme,
Donne-lui de gouter la douceur de ta voix ;
Montre-moi, ô grand Dieu, la pure et chaste flamme
Qui embellit ta Croix !

Écoute, mon Sauveur, les soupirs très ardents
Que fait voler vers toi ma pauvre âme ulcerée,
Qu' auprès de tes autels je passe les moments
De ma vie d'exilée !

O' sainte Eucharistie, ô vin délicieux !
O' Pain sacré de l'Ange et froment des élus !
Viens descendre en mon âme, ô gage merveilleux
De l'amour de Jesus !

Ici-bas je dois vivre inconnue, oubliée,
Mais alors il me faut un éclatant miracle,
Et je veux qu'il soit fait par la manne cachée
Au fond du Tabernacle !

O' Jesus, mon amour, la douceur de ma vie,
Viens étancher la soif de mon cœur altéré ;
Je veux aller à toi par les mains de Marie,
O' divin bien-aimé !...

Donne-moi de t'aimer comme un pur Séraphin,
Pour bien te recevoir remplis-moi de ferveur...
A toi seul je consacre, ô mon Maître divin,
Tout l'amour de mon cœur !

# HOJE

Fiz annos hoje... Quero ver agora
Se este soffrer que me atormenta tanto
Me não deixa lembrar a paz, o encanto,
A doce luz de meu viver de outro'ra.

Tão moça e martyr! Não conheço aurora,
Foje-me a vida no correr do pranto,
Bem como a nota de choroso canto
Que a noite leva pelo espaço em fóra.

Minh'alma voa aos sonhos do passado,
Em busca sempre desse ninho amado
Onde pousava cheia de alegria.

Mas, de repente, num pavor de morte,
Sente cortar-lhe o vôo a mão da sorte...
Minha ventura só durou um dia.

12 de Septembro de 1894.

## ANNO BOM

❧ ❧

Hoje começa o anno. Na alegria
De nivea pomba quando nasce a aurora
Deixa, minh'alma, a tua phantasia
Subir, cantando, pelo espaço afora...

Deixa-a sumir-se além, rompendo gazas,
Subindo em busca de ideaes queridos :
Ha de trazer nas pequeninas azas
Todo o perfume dos meus dias idos!

Ha de trazer o sonho transparente
Da innocencia feliz (quanto eu sonhava!)
E o echo virginal da voz dolente
Que o meu somno de arcanjo acalentava.

E o meu sorriso e as minhas esperanças
Essas ingenuas illusões de um dia,
Toda essa luz que as almas das creanças
Num raio de luar acaricia....

Que tudo venha sobre mim cantando
O psalmo doce da recordação
Qual se pousasse um luminoso bando
De passarinhos, no meu coração...

## A JULIA

✿ ✿

No teu olhar, cheio da luz chorosa
Que envolve o Espaço quando a tarde expira,
Boia uma doce magua lacrimosa,
Uma saudade indefinida gyra.

E quando affirmes que não tem começo
A dor sem fim que no teu seio existe
Queres assim, eu muito bem conheço,
Fazer-me crer que já nasceste triste.

E fallas a sorrir : « Essa dolente
Tristeza amarga que me empana o olhar,
E' a vaga chorando eternamente
Por não poder se separar do mar... »

E se te fito a humedicida bocca
E vejo rubro o labio que sorri,
Logo pergunto, num scismar de louca,
Á mente e ao coração, se és tu quem ri.

Pois é tão mansa a chamma destes olhos
Envoltos na caricia do sorriso,
Que eu penso que teus cilios são abrolhos,
Abrolhos rodeando um paraiso...

## O CORAÇÃO E O BEIJO

Meu coração chorava e eu lhe dizia :
Porque choras assim, pobre creança?
E o triste, a soluçar, me respondia :
Ninguem pode viver sem Esperança.

Tu tens a Fé. — A Fé? Mas o que é della
Sem da Esperança as illusões serenas?
Um ceu á noite sem nenhuma estrella,
Um'alma em flor sem um sorriso apenas...

— Mas tens a Caridade. — A Caridade?
Ah, sim! o vinho que embriaga a dor.
Mas eu não amo... Pois não é verdade
Que a Caridade é o que se chama — Amor?

Nisto passava uma creança linda,
Botão de lirio, immaculado e santo.
Meu coração que soluçava ainda
Sorriu ao ver o melindroso encanto.

E foi beijar-lhe os pequeninos labios,
Folhas de rosa abrindo de manhã,
Onde adejavam mysticos resabios
Dos beijos de uma mãe e de uma irmã...

Comprehendeu então o desolado
A linguagem sublime desse harpejo :
Neste mundo de lagrimas povoado
A Caridade pode estar num beijo!

## DADA

Dadá tinha um filhinho muito louro
Tão louro como um raio de luar.
Aquella creancinha era o thesouro,
O immaculado encanto do seu lar.

Dadá o amava tanto que no mundo
Su'alma em cousa alguma achava brilho.
Nada alterava aquelle amor profundo :
Só via o berço onde sonhava o filho.

Quanto cuidado e que affeição tão santa!
A areia onde brincando elle corria
Se ella podesse (ah! se não fosse tanta!)
Mesmo dentro do seio a guardaria.

Desejava que a terra fosse um ninho
Habitado por ella e os seus amores;
Queria mais que o boliçoso anjinho
Só visse o ceu e só pisasse em flores.

Pois se elle era o sorriso de seus olhos
Desde que o esposo para o Além se fora!
Se era a luz que surgia entre os abrolhos
De su' alma tristonha e soffredora!

Sorrindo a mãe dizia olhando a terra
E o casto manto azul de lá do ceu :
« Sois muito lindo, mas nenhum encerra
Joia mais linda do que o filho meu. »

E tinha bem razão. O seu Laurinho,
Aquella creatura tão franzina,
Guardava lirios brancos no rostinho
E uma rosa na bocca pequenina.

Não consentia que elle um só minuto
Dos cuidados maternos se affastasse :
Era um contraste a sombra de seu luto
Na alvura virginal daquella face!

E se ás vezes a garrula creança
Disparava a correr jardim afóra,
Dadá pensava que sua esperança
Ia fugindo ou que morria a aurora...

Então scismava cheia de receio
Como se o seu filhinho mais não visse:
E, se o alcançava, comprimia-o ao seio
Temerosa que ainda lhe fugisse.

Se elle morresse o que seria della?
Dadá cuidava ás vezes tristemente —
Se essa creança era como a estrella
Que guiava os Reis Magos no Oriente?

E entre esperanças e temores francos
Lauro crescia cada vez mais lindo;
Quando fallava os seus dentinhos brancos
Lembrava a gente um bogari abrindo.

*
* *

Um dia, ao acordar, Lauro queixou-se
De que o corpinho todo lhe doía.
A mãe cercou-o de um carinho doce :
O seu filhinho de que soffreria?

E elle chorava que fazia pena
Naquella alegre e limpida manhã,
Pallida a face como uma assucena,
E o roseo labio a murmurar : « mamã »!

Dadá beijava aquella mão querida
E os pés e o rosto e o peito nú e a bocca :
Queria vêr se lhe incutia a vida
Naquelles beijos que lhe dava, louca!

O triste pobresinho soluçava
Entre as caricias do materno affago;
E, em seus olhos, a morte esvoaçava
Bem como um corvo a tona azul de um lago.

Antes do sol pender sobre o horisonte
O cherubim cessava de existir;
E alguem ainda lhe beijava a fronte :
Era Dadá a soluçar e a rir.

Estava louca. D'ora em diante a vida
Quem lhe traria ao ninho seu deserto?
Lauro morrera... Branca flor pendida
Cahira murcha num esquife aberto!

Ella bem vira quando carregaram
O meigo arcanjo dentro de um caixão...
Almas crueis! Do seio lh'o arrancaram
E com elle tambem seu coração!

Ha muitos annos que isto succedeu,
Mas entretanto o que da morte a salva
E' que Dadá, quando contempla o ceu
Diz que seu filho está na estrella d'Alva.

## DOENTE

✣ ✣

A lua veio... foi-se... e em breve ainda
Ha de voltar, a doce lua amada,
Sem que eu a veja, a minha fada linda,
Sem que eu a veja, a minha boa fada.

Ella ha de vir, Ophelia desmaiada,
Sob as nuvens do ceu na alvura infinda
Do seu branco roupão, noiva gelada
Boiando à flor de um rio que não finda.

Ella ha de vir, sem que eu a veja... Emtanto
Com que tristezas e saudoso encanto
Choro estas noites que passando vão...

O' lua! mostra-me o teu rosto ameno:
Olha que murcha á falta de sereno
O lirio roxo do meu coração!

## SUPPLICA

Se tudo foge e tudo desparece,
Se tudo cae ao vento da Desgraça,
Se a vida é o sopro que nos labios passa
Gelando o ardor da derradeira prece;

Se o sonho chora e geme e desfallece
Dentro do coração que o amor enlaça,
Se a rosa murcha inda em botão, e a graça
Da moça foge quando a idade cresce;

Se Deus transforma em sua lei tão pura
A dor das almas que o Ideal tortura
Na demencia feliz de pobres loucos...

Se a agua do rio para o oceano corre
Se tudo cae, Senhor! porque não morre
A dor sem fim que me devora aos poucos?

## LUZ E SOMBRA

✣ ✣

(Versos escriptos tres dias antes da morte da autora

*A' poetisa Anna Lima*

Vamos seguindo pela mesma estrada,
Em busca das paragens da illusão;
A alma tranquilla para o ceu voltada,
Suspensa a lyra sobre o coração.

Ris e eu soluço... (Loucas peregrinas!)
E em toda parte, enfim onde passamos,
Deixo chorando os olhos das meninas,
Deixas cantando os passaros nos ramos.

Porque ellas amam tua voz canora,
O' delicado sabiá da matta!
E eu lembro triste a jurity que chora
E a voz dorida em lagrimas desata.

Gostam de ver-te o rosto de creança
Limpo das nevoas de um martyrio vago,
O labio em riso, desmanchada a trança
No olhar sereno a candidez do lago.

Até perguntam quando sobre a areia
Em que tu pisas vão nascendo rosas :
Bella criança, timida sereia,
Irmã dos sonhos das manhãs radiosas,

Porque trilhando a terra dos caminhos,
Onde o teu passo faz brotar mil flores,
Esta velhinha vae deixando espinhos
E um longo rastro de saudade e dores? »

Não lhes respondas... Pela mesma estrada
Sigamos sempre em busca da Illusão;
A alma tranquilla para o ceu voltada,
Suspensa a lyra sobre o coração.

Vamos; desprende a doce voz canora
Que ella afugenta da tristeza o açoite;
E, emquanto elevas o teu hymno á aurora,
Eu vou resando as orações da noite...

## FIO PARTIDO

❧ ❧

Fugir á magoa terrena
E ao sonho, que faz soffrer,
Deixar o mundo sem pena
Será morrer?

Fugir neste anceio infindo
Á treva do anoitecer
Buscar a aurora sorrindo
Será morrer?

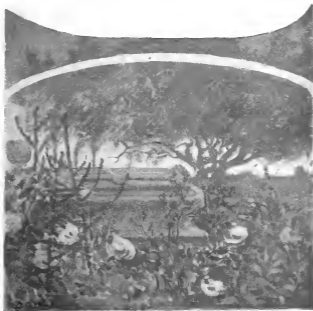
E ao grito que a dor arranca
E o coração faz tremer,
Voar uma pomba branca
Será morrer?

II

Lá vai a pomba voando
Livre, através dos espaços...
Sacode as azas cantando:
« Quebrei meus laços! »

Aqui, n'amplidão liberta,
Quem pode deter-me os passos?
Deixei a prisão deserta,
Quebrei meus laços!

Jesus, este vôo infindo
Ha de amparar-me nos braços
Emquanto eu direi sorrindo:
Quebrei meus laços!

Janeiro, 1901.

# NOTA

Auta de Sousa nasceu em Macahyba, pequena cidade do Rio Grande do Norte, em 12 de Setembro de 1876; educou-se no collegio « S. Vicente de Paula », em Pernambuco, sob a direcção de religiosas francesas; e falleceu em 7 de Fevereiro de 1901 na cidade de Natal. Uma biographia simples como os seus versos e o seu coração...

Ella não conheceu os obstaculos que encheram de tormento a existencia de Marcelline Desborde-Valmore. Desde muito cedo, porém, sentiu todo o horror da morte. Aos quatorze annos, quando lhe appareceram os primeiros symptomas do mal que a victimou, não havia senão sombras em seu espirito: era já orphã de pae e mãe, tendo assistido ao espectaculo inesquecivel do anniquilamento de um irmão devorado pelas chammas, numa noite de assombro.

Assim, desde a infancia, o destino lhe appareceu como um enigma sem a possibilidade de outra decifração que o luto.

Salvaram-na do desespero a fé religiosa e o resignado exemplo da ignorada heroina para quem escreveu o soneto *A minha Avó*, publicado neste volume.

*Horto* é pois a historia de uma grande dôr. Formou-o a au ora recordando, sentindo, penando.

Em casa, o luto successivo; no collegio as litanias da Igreja; mais tarde, no campo, onde passou o melhor tempo da atormentada existencia, a paisagem triste do sertão nos

longos meses de secca, a compaixão pelos humildes, cuja miseria tanto a commovia, a saudade dos diversos logares em que esteve, em busca de melhoras aos padecimentos physicos...

Tudo isso concorreu muitissimo para aggravar a maravilhosa sensibilidade de seu temperamento de mulher; e essa sensibilidade, á medida que a doença augmentava, se ia tornando mais profunda, fazendo de um ser fragilimo o interprete de innumeros corações desolados.

A primeira edição do *Horto*, publicada em 1900, esgotou se em dous meses. O livro foi recebido com elogios pela melhor critica do paiz; leram-no os intellectuaes com avidez; mas a verdadeira consagração veio do povo, que se apoderou delle com devoto carinho, passando a repetir muitos de seus versos ao pé dos berços, nos lares pobres e até nas Igrejas, sob a forma de « bemditos » anonymos.

Auta, sem pensar e sem querer, reproduzira a lapis, na *chaise longue*, onde a prostára a doença, as emoções mais intimas de nossa gente : encontrára no proprio soffrimento a expressão exacta do soffrimento alheio.

E antes de finar-se ouviu da bocca de centenas de infelizes muitos dos versos que traçara com os olhos lacrimosos, não raro para esquecer o desgosto de se sentir vencida em plena mocidade.

Não teve cultura litteraria vasta.

Recordando scenas da meninice vejo-a neste momento, aos oito annos, curvada sobre as paginas da *Historia de Carlos Magno*, outr'ora muito popular nas fazendas do Norte, livro cheio de façanhas inverosimeis, sem medida, sem arte, escripto no peior dos estylos, — mas delicioso para quem o conheceu na infancia.

Lia-o Auta no campo, os olhos ingenuamente maravilhados, para o mais ingenuo dos auditorios, composto de mulheres do povo e de velhos escravos, todos filhos desse formoso sertão que exerceu em seu espirito tão salutar influencia.

Depois, chegou a vez das *Primaveras*, de Casimiro de Abreu.

Um pouco mais tarde, no collegio, não leu outra cousa que os compendios de estudo e as obras de premio, de feição religiosa e sentimental.

Nesse tempo o seu livro predilecto foi um romance profundamente triste, *Tebsima*, episodio lendario da primeira Crusada.

Ao sahir do internato, onde aprendera bem as linguas francesa e inglesa e adquirira boas noções de musica e de desenho, começou a ler alguns autores brasileiros, especialmente Gonçalves Dias e Luiz Murat.

Estes dous grandes sonhadores, porém, não tiveram acção decisiva sobre seu espirito. Não sei mesmo como ella, que detestava a feitura classica de certos estylos, podia ler com satisfação crescente o poeta dos *Tymbiras*. Nunca me explicou tambem o motivo porque os versos tumultuosos de Luiz Murat, constituiam verdadeiro encanto para a sua alma tão meiga, tão cheia de religiosa ternura.

Nos ultimos annos, as horas que podia dispensar ao convivio dos autores, consagrava-as aos mysticos, a Th. de Kempis, a Lamartine, a S. Theresa de Jesus. A estes, associava Marco Aurelio, cujos *Pensamentos* muito concorreram para augmentar a tolerancia e a sympathia com que encarava os seres e as cousas.

Tal é a historia da sua formação intellectual.

Pode-se, entretanto, dizer sem exagero que o soffrimento foi o seu melhor guia.

A influencia das Irmãs de « S. Vicente de Paula » é visivel em todo o livro.

O proprio estylo, simples e claro desde as primeiras poesias, parece me um producto do esforço das mestras que lhe corrigiram os themas escolares, com o bom senso e a medida dos franceses.

Mas, sem a dor que lhe requintou a fé, Auta certamente não teria encontrado a forma com que deu cor e relevo ás

visões de seu mysticismo. Assim o *Horto*, em vez de uma collecção didatica de psalmos catholicos, encerra, com a tristeza de um pobre ser cruelmente ferido pelo destino, perturbado em face do mysterio da vida, a queixa universal do soffrimento humano.

Nos ultimos versos nota-se a estranha serenidade espiritual a que chegou nos derradeiros dias, inspirando aos que a visitavam a mais religiosa veneração.

Via-se-lhe, então, a alma através os olhos brilhantes, sem torturas, sem lagrimas.

Naquelle corpo desfeito, tão leve que uma creança podéra conduzir, havia agora um coração resignado de martyr, sentindo profundamente o nada da vida, mas sem horror á morte. Realisara-se o seu desejo :

« Não vês? Minh'alma é como a penna branca
« Que o vento amigo da poeira arranca
« E vae com ella assim, de ramo em ramo,
« Para um ninho gentil de gaturamo...
« Leva-me, ó coração, como esta penna
« De dor em dor até á paz serena. »

A tormenta se desfisera ao pé do tumulo ; e do naufragio em que se abysmou esta singular existencia, resta o *Horto*, livro de uma santa.

Paris, 4 de Agosto de 1910.

H. Castriciano.

# INDICE

✣ ✣

## INEDITOS